



**2017**

## **RELATÓRIO FINAL (Processual)**



**IV SEMINÁRIO NACIONAL DE  
SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE**

**Fundação Oswaldo Cruz**

**Presidente**

*Nísia Trindade Lima*

**Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde**

**Vice-presidente**

*Marco Antônio Carneiro Menezes*

**Coordenação de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**

**Coordenador**

*Guilherme Franco Netto*

**Promoção e Organização**

Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde - Fiocruz/ MS

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

Av. Brasil, 4365 - Manguinhos, Rio de Janeiro - RJ, 21040-900

Telefone: (21) 3885-1762 / 3885-1828

**LOCAL DO EVENTO**

**Auditório da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz**

Endereço: Rua Leopoldo Bulhões, 1480 - Bonsucesso, Rio de Janeiro – RJ

**Hotel – Novo Mundo**

Endereço: Praia do Flamengo, 20 - Flamengo, Rio de Janeiro – RJ

## **Comissão de Organização do evento**

### **Coordenação**

*Guilherme Franco Netto*

### Equipe Técnica:

*Juliana Wotzasek Rulli Villardi*

*Virginia M. L. de Almeida*

### Equipe de apoio:

*Gabriela Lobato*

*Ana Lucia C. Aguiar*

*Mayara Temoteo*

*Márcia Pereira*

*Kátia Medina*

## **Comissão de Relatoria**

Coordenação Geral: *Juliana Wotzasek Rulli Villardi*

### Atividade 1 – Abertura

*Mariana Belo*

*Renata Collazos*

### Atividade 2 – Saúde, Ambiente e Sustentabilidade

*Juliana Rulli*

*André Fenner*

### Atividade 3 – Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e a Vigilância em Saúde

*Marismary Horsth De Seta*

### Atividade 4 – Agenda 2030 na Fiocruz

*Claudia Martins*

*Mariana Belo*

### Atividade 5 – Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz

*Juliana Rulli*

*André Fenner*

### Atividade 6 – Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e os Desafios institucionais

*Tatsuo Shubo*

*Gustavo Martins*

### Atividade 7 – Debate para proposição de teses de saúde, ambiente e Sustentabilidade no VIII Congresso Interno da Fiocruz - perspectivas de futuro

*Aline Bittencourt*

*Renata Collazos*

### Atividade 8 – Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz Áreas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 (não há relatoria desta atividade para o Seminário).

## SUMARIO

<b>I - APRESENTAÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>II - RESUMO EXECUTIVO</b>	<b>6</b>
<b>II - PROGRAMAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>IV - FACILITAÇÃO GRAFICA<sup>1</sup></b>	<b>8</b>
<b>V - RELATÓRIO</b>	<b>11</b>
<b>VI - FACILITAÇÃO GRAFICA - 2<sup>2</sup></b>	<b>45</b>
<b>VIII - OUTRAS ATIVIDADES</b>	<b>53</b>

---

<sup>1</sup> Coordenado por Muriel Duarte - <http://www.murielduarte.com/>

<sup>2</sup> Coordenado por Muriel Duarte - <http://www.murielduarte.com/>

## I. APRESENTAÇÃO

*Guilherme Franco Netto*

As relações entre saúde, ambiente e desenvolvimento acompanham a trajetória da Fiocruz desde sua origem. No contexto da Rio-92, este campo incorpora o conceito de sustentabilidade resultando no fortalecimento da produção técnico científica da instituição. A decisão do VI Congresso Interno da Fiocruz, realizado em 2011, ratificada pelo VII Congresso Interno, realizado em 2014, em eleger saúde, ambiente e sustentabilidade enquanto um dos seus cinco eixos estratégicos possibilitou que a Fiocruz alcançasse uma posição de destaque neste campo, em âmbito nacional e internacional.

Este alcance motivou a constituição do Programa institucional de saúde, ambiente e sustentabilidade, o estabelecimento da Câmara Técnica de Saúde e Ambiente, a realização dos I, II e III Seminários de Saúde e Ambiente e da Jornada de Saúde e Ambiente, entre outras relevantes iniciativas, que resultaram no desenvolvimento e consolidação de uma rede de dispositivos institucionais que atuam nas dimensões de ciência, tecnologia e inovação, ensino, cooperação técnica, contribuição às políticas públicas e apoio ao fortalecimento de serviços.

Entretanto, os complexos cenários globais, nacionais e locais sobre as relações entre saúde, ambiente e sustentabilidade apresentam novos desafios que necessitam ser considerados, com vistas à atualização desta agenda.

O IV Seminário de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz teve como objetivo, avaliar os progressos alcançados pela instituição, identificar lacunas e definir estratégias para enfrentamento dos desafios futuros.

O Seminário foi composto por dois blocos. No primeiro bloco, realizado nos dias 31/07 e 1/08 ocorreram mesas redondas e exposições, seguidas de debates, sobre os resultados alcançados no tema e os desafios contemporâneos e futuros, com definição de diretrizes para elaboração de teses deste eixo para o VIII Congresso Interno, a realizar-se em dezembro de 2017.

O segundo bloco, foi realizado nos dias 2 e 3/08, consistiu numa rede de oficinas de trabalho para aprimoramento e validação dos documentos institucionais temáticos de saúde, ambiente e sustentabilidade, a saber: saúde e biodiversidade, saúde e clima, saúde e saneamento, saúde do trabalhador, avaliação de impacto à saúde de grandes empreendimentos, saúde e agrotóxicos e desafios da política nacional de saúde integral das populações do campo, floresta e águas. Estes documentos integrarão uma série temática a ser publicada pela Fiocruz. Outras atividades sobre saúde e ambiente foram realizadas, como a reunião do Grupo Temático de Saúde e Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

O público deste evento foi integrado pela comunidade científica da Fiocruz e convidados, representantes de outras instituições acadêmicas, do poder executivo e do movimento social organizado.

## II. RESUMO EXECUTIVO

O bloco 1 do Seminário teve como objetivo a discussão de grandes temas relacionados à área de saúde, ambiente e sustentabilidade como suporte ao encaminhamento de novas teses ao VIII Congresso Interno da Fiocruz. Apontou as temáticas em processo de sistematização na discussão ampliada no âmbito da saúde coletiva e suas relações com a determinação social da saúde, apresentando suas grandes questões e desafios e discutindo o papel da Fiocruz no seu enfrentamento, destacando a importância de articular saberes, métodos e práticas para o alcance dos objetivos da Agenda 2030.

A Fiocruz, enquanto uma instituição estratégica do Estado Brasileiro em saúde tem ao longo de sua história dedicado atenção às relações entre saúde e ambiente. A Visão do Eixo de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz é entendida como: “Ser instituição de referência no desenvolvimento científico-tecnológico e nos processos formativos, inovando na compreensão da saúde e de seus determinantes e contribuindo para políticas públicas Inter setoriais, na perspectiva da sustentabilidade socioambiental”. O “lócus” da área transcende os arranjos institucionais formais numa perspectiva de rede interativa.

Com essa visão amplia-se o conhecimento de áreas temáticas e realiza-se a troca de experiências, em especial aquelas vividas no âmbito dos movimentos sociais como contribuição ao encaminhamento de novas teses ao próximo Congresso Interno, e consequente estabelecimento de novos objetivos institucionais.

O bloco 2, realizado nos dias 02 e 03/08, foi a consolidação de um trabalho que vem sendo realizado pela área de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz, por meio da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde desde o ano de 2015 no sentido da elaboração de documentos institucionais temáticos que representam os temas abordados durante os VI e VII Congresso Interno da Fiocruz, a saber: saúde e biodiversidade, saúde e clima, saúde e saneamento, saúde do trabalhador, avaliação de impacto à saúde de grandes empreendimentos; acrescido dos temas de saúde e agrotóxicos e desafios da política nacional de saúde integral das populações do campo, floresta e águas.

O processo se constituiu, em resumo, na formação de grupos de trabalho de referência em cada tema para a construção dos documentos, com a participação representativa da Fiocruz nacional.

Este momento do Seminário teve como objetivo ampliar a participação da comunidade científica na discussão para a consolidação destes documentos que integrarão uma série temática institucional representativa da área.

(acesse [aqui](#) os arquivos do IV Seminário de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade)

### III. PROGRAMAÇÃO

		BLOCO 1		BLOCO 2	
		31/07	01/08	02/08	03/08
Manhã		<i>Abertura</i>	<i>Painel</i> Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz	<i>Grupos de Trabalho</i> Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade	<i>Grupos de Trabalho</i> Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade
		<i>Mesa</i> Saúde, Ambiente e Sustentabilidade	<i>Mesa redonda</i> Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e os Desafios institucionais		
Tarde		<i>Mesa redonda</i> Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e a Vigilância em Saúde	<i>Debate</i> Debate para proposição de novas teses para a área de saúde, ambiente e Sustentabilidade no VIII Congresso Interno da Fiocruz - perspectivas de futuro	<i>Grupos de Trabalho</i> Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade	<i>Plenária</i> Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade
		<i>Painel</i> Agenda 2030 na Fiocruz			

#### IV. FACILITAÇÃO GRÁFICA<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Coordenado por Muriel Duarte - <http://www.murielduarte.com/>



# IV SEMINÁRIO DE SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE



**INDISSOCIABILIDADE ENTRE SAÚDE E AMBIENTE**  
É TRADIÇÃO NA FIOCRUZ.

**COMO RESISTIR E AVANÇAR?**

**APENAS A MATÉRIA VIDA ERA TÃO FINA...  
CRISE ECOLÓGICA, GLOBALIZAÇÃO E CONHECIMENTOS ALTERNATIVOS:  
UMA VISÃO DA ECOLOGIA POLÍTICA (DESCOLONIAL)**

MARCELO FIRPO

UMA ECOLOGIA POLÍTICA DOS RISCOS (2012)  
INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL:  
O MAPA DOS CONFLITOS (2013)

**A CRISE ECOLÓGICA** ESTÁ LIGADA AS DEMAIS  
CRISES: CRISE DE VALORES, CRISE ONTOLÓGICA E CRISE CIVILIZATÓRIA.

AS AÇÕES HUMANAS, SISTEMAS ECONÔMICOS E SOCIAIS ESTÃO IMPACTANDO O PLANETA:



**CIÊNCIA E PROGRESSO: PARA QUÊ E PARA QUEM?**

**METABOLISMO SOCIAL**  
NO CAPITALISMO GLOBAL: A ESPIRAL DA MORTE NOS CICLOS QUE NÃO FECHAM.

**PARA REINVENTAR A UTOPIA:**  
SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS E DAS EMERGENCIAS.  
TRANSALARIARIDADE PAS LUTAS.  
INTERCULTURALIDADE E TRADIÇÃO.

**COMO REINVENTAR A TOLERÂNCIA E A SOLIDARIEDADE?**

**MUNDURUKUS** PEDEM AJUDA PARA SALVAR AS FLORESTAS E OS RIOS.  
**LINHA ABISSAL:** SUJEITOS NÃO MODERNOS SÃO CONSIDERADOS SUB-HUMANOS A SEREM EXPLORADOS E SUBORDINADOS AO CENTRO CAPITALISTA E COLONIAL.

**SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA DE SAÚDE É MAIS IMPORTANTE FIOCRUZ E A VIGILÂNCIA EM SAÚDE**

LUCIANO TOLEDO  
TANIA PONSECA  
CHRISTOVAM BARCELLOS  
É PRECISO ARTICULAR, INTEGRAR E FAZER PARCERIAS COM DIVERSOS SETORES E POPULAÇÕES

**A SAÚDE NA ERA DA SUSTENTABILIDADE**

LUIS AUGUSTO GALVÃO  
PNUD MODELO HOLÍSTICO PARA REALIZAR O FUTURO QUE QUEREMOS PARA TODOS!



ESCOLHA DE 17 ODS: OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
• PREVALECE QUESTÕES ECONÔMICAS.  
• OS ODMs PENSAVAM MAIS EM SAÚDE.  
INDICADORES APONTAM MELHORIAS NA SAÚDE.

**COMPREENDER O CONTEXTO EM QUE SE DÃO OS PROBLEMAS DE SAÚDE É MAIS IMPORTANTE QUE AS RELAÇÕES DE DOSE-EFEITO.**

É PRECISO TERRITORIALIZAR A SAÚDE. TERRITORIALIZAR E POLITIZAR O CONTEXTO OLHAR PARA DENUNCIAS E NEGLIGÊNCIAS POPULAÇÕES

**AGENDA 2030 NA FIOCRUZ**  
PAULO GADELHA  
NÃO PODEMOS DEMONIZAR E NEM IDEALIZAR.

**A AGENDA 2030 POSSUI CARACTER HOLÍSTICO E ASPIRACIONAL!**

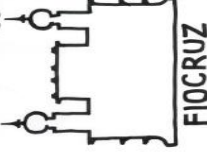
INTEGRAR E CRIAR SINERGIA ENTRE AS DIMENSÕES:  
AMBIENTAL  
SOCIAL  
ECONÔMICO

**SAÚDE É UM DIREITO DE TODO E UM BEM PÚBLICO**  
FUNDAMENTAL PARA A INCLUSÃO SOCIAL, ECONÔMICA, SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E A PAZ NOS PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO.

**QUAIS AS RELAÇÕES ENTRE OS ODS? COMO O ODS 3 DE SAÚDE SE RELACIONA COM OS OUTROS?**



OS ODSs DEVEM SER OPERACIONALIZADOS EM AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS, SEM PERDER SEU CARATER JURÍDICO.



FIOCRUZ

# IV SEMINÁRIO DE SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE



## PROGRAMA INSTITUCIONAL DE SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE DA FIOCRUZ

VISÃO DE UM CONCEITO AMPLIADO DE SAÚDE E RELAÇÃO COM AMBIENTE

GUILHERME FRANCO NETTO

DIÁLOGO COM QUEM PRODUZ CONHECIMENTO CIENTÍFICO BÁSICO

SAÚDE DO TRABALHADOR

SAÚDE ECOSISTÊMICA

SAÚDE COM QUEM TRABALHAMOS

SANEAMENTO

20 ANOS DE SAÚDE E AMBIENTE NO SUS!

IMPACTO DE GRANDES EMPREENDIMENTOS

CLIMA

BIODIVERSIDADE

IMPACTO DOS AGROTÓXICOS

## AGROECOLOGIA E SAÚDE

A POLI COOPERA COM O MST: CURSO TÉCNICO CEBRENTE E DISCIPLINAS, REDES FITO, CURTA AGROECOLOGIA, FEIRAS AGROECOLÓGICAS, OBSERVATÓRIO DA ABRASCO.

ANDRÉ BÜRIGO

HÁ NECESSIDADE DE ENGAJAMENTO NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO BRASIL.

HÁ UMA OFENSIVA DO AGRONEGÓCIO EM AMPLIAR 100 A 140 MILHÕES DE HECTARES. CAMPO.

DA BOCAINA, MAPA DA SAÚDE DOS POÇOS DO

ESTRAPAS

MINERADORAS

REMOÇÕES

MEGA EVENTOS ESPORTIVOS

OBRAS DO PAC

AGRONEGÓCIO

TERMELETRICAS

HIDRELETRICAS

AGRONEGÓCIO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## AGROECOLOGIA NA FIOCRUZ:

PESQUISA, COMUNICAÇÃO E DISCIPLINAS, REDES

GRANDES EMPREENDIMENTOS E IMPACTOS À SAÚDE

ALEXANDRE PESSOA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## QUAL O LEGADO QUE A FIOCRUZ DEIXARÁ PARA AS PRÓXIMAS GERAÇÕES?

- RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE TRABALHO
- LUTA
- CONTRIBUIÇÃO COM A AGENCIA 2030.
- EXPRESSÃO DE POSSIBILIDADES SISTEMATIZADAS TRABALHADAS COMUNICADAS
- CRIAR PROCESSOS DE INTERVENÇÃO NO TERRITÓRIO

## AGROECOLOGIA E SAÚDE

TRATA-SE DE UM DIÁLOGO RECENTE CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE

O ACESSO E POSSE DE TERRAS NO BRASIL É CENTRAL PARA O AVANÇO DA AGROECOLOGIA.

É PRECISO REVERTER A CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA E DE PODER.

AGROECOLOGIA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## AGROECOLOGIA NA FIOCRUZ:

PESQUISA, COMUNICAÇÃO E DISCIPLINAS, REDES

GRANDES EMPREENDIMENTOS E IMPACTOS À SAÚDE

ALEXANDRE PESSOA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## AGROECOLOGIA NA FIOCRUZ:

PESQUISA, COMUNICAÇÃO E DISCIPLINAS, REDES

GRANDES EMPREENDIMENTOS E IMPACTOS À SAÚDE

ALEXANDRE PESSOA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## SANEAMENTO E SAÚDE

CLEVENTINA FELTMANN E LEO HELLER

3 EM CADA 10 PESSOAS NÃO TEM ACESSO A ÁGUA POTÁVEL

AMEAÇAS AMBIENTAIS:

- GERAÇÃO DE RESÍDUOS ELÉTRICOS E ELETRÔNICOS
- 50 MILHÕES DE TONELADAS DE 1990
- 2018
- MUDANÇAS CLIMÁTICAS
- DE AUMENTO DE CO2
- TUBERCULOSE
- MALÁRIA
- ZICA

5 PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS:

- 570 MIL INFECÇÕES RESPIRATORIAS
- 361 MIL DIARREIA
- 270 MIL FALTA DE ACESSO A ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO
- 200 MIL POR FALTA DE ÁGUA E SANEAMENTO
- 200 MIL MALARIA

4 EM CADA 10 CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS, SÃO ATRIBUÍVEIS A AMBIENTE INSALUBRES

1 EM CADA 4 MORTES DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS, SÃO ATRIBUÍVEIS A AMBIENTE INSALUBRES

5 PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS:

- 570 MIL INFECÇÕES RESPIRATORIAS
- 361 MIL DIARREIA
- 270 MIL FALTA DE ACESSO A ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO
- 200 MIL POR FALTA DE ÁGUA E SANEAMENTO
- 200 MIL MALARIA

3 EM CADA 10 PESSOAS NÃO TEM ACESSO A ÁGUA POTÁVEL

AMEAÇAS AMBIENTAIS:

- GERAÇÃO DE RESÍDUOS ELÉTRICOS E ELETRÔNICOS
- 50 MILHÕES DE TONELADAS DE 1990
- 2018
- MUDANÇAS CLIMÁTICAS
- DE AUMENTO DE CO2
- TUBERCULOSE
- MALÁRIA
- ZICA

5 PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS:

- 570 MIL INFECÇÕES RESPIRATORIAS
- 361 MIL DIARREIA
- 270 MIL FALTA DE ACESSO A ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO
- 200 MIL POR FALTA DE ÁGUA E SANEAMENTO
- 200 MIL MALARIA

4 EM CADA 10 CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS, SÃO ATRIBUÍVEIS A AMBIENTE INSALUBRES

1 EM CADA 4 MORTES DE CRIANÇAS MENORES DE 5 ANOS, SÃO ATRIBUÍVEIS A AMBIENTE INSALUBRES

## AGROECOLOGIA E SAÚDE

TRATA-SE DE UM DIÁLOGO RECENTE CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE

O ACESSO E POSSE DE TERRAS NO BRASIL É CENTRAL PARA O AVANÇO DA AGROECOLOGIA.

É PRECISO REVERTER A CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA E DE PODER.

AGROECOLOGIA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## AGROECOLOGIA NA FIOCRUZ:

PESQUISA, COMUNICAÇÃO E DISCIPLINAS, REDES

GRANDES EMPREENDIMENTOS E IMPACTOS À SAÚDE

ALEXANDRE PESSOA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

## AGROECOLOGIA NA FIOCRUZ:

PESQUISA, COMUNICAÇÃO E DISCIPLINAS, REDES

GRANDES EMPREENDIMENTOS E IMPACTOS À SAÚDE

ALEXANDRE PESSOA

É PRECISO ACABAR COM A HEGEMONIA DO AGRONEGÓCIO, E O MITO DE QUE É PRECISO VENENO PARA ACABAR COM A FOME

MATOPIBA

FRONTEIRA AGRÍCOLA

ÁREAS DE CERRADO

31 MICROREGIÕES

73 MILHÕES DE HECTARES

DADOS SOBRE AS COMUNIDADES ESTÃO SENDO COLETADOS!

MAPEARAM 40 COMUNIDADES GUILDEMBLAS NO MATOPIBA, PORÉM HÁ 500 COMUNIDADES SO NO MABANHÃO!

COMUNIDADES TRADICIONAIS PROTEGEM A VIDA!

PARADOXALMENTE, A AGROECOLOGIA SE FORTALECE NA RESISTÊNCIA.

EXISTEM EXPERIÊNCIAS EM CADA LUGAR DO BRASIL QUE ESTÃO SE ARTICULANDO EM REDE.

DEBATEADORES: MOVIMENTOS SOCIAIS

NÃO ESTAMOS PEDINDO FAVOR, ESTAMOS EXIGINDO DIREITOS!

A VIOLÊNCIA É MUITO FORTE, MAS NÃO É VISTA.

SEM CERRADO FIGURA VIDA EM DEFESA DO CERRADO!

AGRICULTURA VIRDO AGRONEGÓCIO E O AGRICULTOR VIRDO PRODUTOR.

TERRITÓRIOS E SEUS BENS NATURAIS LIVRES!

43 ORGANIZAÇÕES

É PRECISO ATENTAR-SE PARA A FLEXIBILIZAÇÃO DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL.

MODELO DE DESENVOLVIMENTO ESTIMULA A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA.

DESAFIOS P/ A FIOCRUZ:

- INDUSTRIA DAS MILTAS.
- IR ALÉM DO REBO CAUSAL.
- PESQUISA DOWN-UP-PDOWN.
- TAC.
- AB.
- MAPAS.

NÓS PENSAMOS O FUTURO DO AÇO.

A VOZ DA FIOCRUZ:

NÓS PENSAMOS O FUTURO DO AÇO.

A VOZ DAS CORPORAÇÕES:

NÓS PENSAMOS O FUTURO DO AÇO.

IMPACTO SOCIAL JUNTO COM IMPACTO AMBIENTAL

É PRECISO ATENTAR-SE PARA A FLEXIBILIZAÇÃO DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL.

MODELO DE DESENVOLVIMENTO ESTIMULA A MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA.

DESAFIOS P/ A FIOCRUZ:

- INDUSTRIA DAS MILTAS.
- IR ALÉM DO REBO CAUSAL.
- PESQUISA DOWN-UP-PDOWN.
- TAC.
- AB.
- MAPAS.

## V. RELATÓRIO

### BLOCO 1 - Contextualizando a Agenda de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade, identificando desafios e preparando a nova Agenda da Fiocruz

31 de Julho 2017  
Auditório da ENSP/Fiocruz

#### MANHÃ

09:00 – 09:40 **Abertura – Atividade 1** (acesse [aqui](#) o video)

*Nísia Trindade – Presidente da Fundação Oswaldo Cruz*

*Marco Menezes – Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde*

*Hermano Castro – Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP; Membro da coordenação do GT de Saúde e Ambiente da Abrasco – Boas Vindas*

---

**Relatoria**<sup>4</sup> - (acesse [aqui](#) o relato original)

**Coral:** A abertura do IV Seminário de Saúde e Ambiente foi marcada por emoção com a apresentação do Coral da Fiocruz, com músicas que contemplavam temas críticos e reflexivos, aplicados ao cenário político-econômico atual. Um momento emocionante e oportuno do encontro da arte e discussão científica.

Fizeram parte da mesa, a Presidente da Fiocruz Nísia Trindade Lima, o Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde, Marco Menezes, e o Diretor da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Hermano Castro.

**Hermano Castro** - O Diretor Hermano iniciou sua fala cumprimentando a todos e referindo-se ao momento político que estamos vivendo, um dos mais difíceis. Relacionou a este cenário, a área ambiental, uma área que passa por várias disputas, em diversas questões, e ainda agora, em um momento de retrocessos, os desafios se multiplicam.

Alguns exemplos como a legislação da mineração, da água, diversas normatizações e portarias são muitas vezes modificadas e nem sempre o processo é acompanhado de perto. Esse seminário, segundo o diretor, nos dá um fôlego para direcionarmos um olhar sobre esse debate, considerando que os impactos nem sempre são diários, apresentando-se no futuro. Por fim, Dr. Hermano Castro considerou o seminário uma oportunidade de serem consolidadas políticas, propostas que ajudem a orientar os desafios atuais, a encontrar um caminho político de enfrentamento.

**Marco Menezes** - O Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde, Marco Menezes, cumprimentou a todos, lembrando que o trabalho é de continuidade ao que estava sendo construído por diversos especialistas, sendo

---

<sup>4</sup> Adaptado de Mariana Belo e Renata Collazos

hoje o IV Seminário um processo de alguns anos. Agradeceu a participação de todos, num auditório com tanta representatividade tendo instituições, movimentos sociais e a Fiocruz do Brasil todo e do campus, demonstrando a capilaridade e importância do evento pelo momento político. Parabenizou o coordenador do evento e assessor de Ambiente da VPAAPS, Guilherme Franco Neto e toda a equipe da VPAAPS pela organização.

*“Esse seminário se coloca diante de uma conjuntura adversa, já citada pelo diretor Hermano anteriormente, mas é bom começar a semana com o coral da Fiocruz, que nos dá energia, diz e mostra a cara da Fiocruz, que resiste e que caminha para frente. Estamos numa conjuntura adversa que cada vez mais se agrava com situações como a flexibilização na licença ambiental, o novo marco da mineração, a luta pelas terras indígenas e titulação das terras dos quilombolas. Cenário extremamente grave.”*

Destacou que o desafio é discutir o papel de uma instituição pública de Estado como a Fiocruz em um cenário como este. Neste contexto, e após discussões na Câmara Técnica de Ambiente, o seminário, se coloca em dois grandes blocos: (i) discussão de temas importantes já em pauta, e (ii) aprofundando os documentos institucionais da Fiocruz que vem sendo construídos há algum tempo na área ambiental.

*“Novos debates são apresentados como a agroecologia, e a água como direito. Sobre este tema, além do Fórum da água, a Fiocruz está envolvida diretamente com os movimentos sociais no Fórum Alternativo Mundial da Água a ser realizado no ano de 2018; teve participação no semi-árido bahiano com a Caravana Agroecológica, na agenda de acidentes químicos ampliados, e impactos à saúde decorrentes dos grandes empreendimentos.*

*A vigilância em saúde é outro ponto importante do seminário a ser debatido. Um grande desafio este ano para a Instituição é o Congresso Interno. E o seminário apresenta-se com essa marca para fazer essa interlocução, que já começou na Câmara Técnica de Ambiente, e contribui a partir do acúmulo dos debates e documentos produzidos para consolidar os processos de gestão.”*

**Nísa Trindade** - A Presidente da Fiocruz, Nísa Trindade Lima, iniciou a sua fala cumprimentando a todos com satisfação muito grande de estar presente, apesar dos tempos difíceis já bem demarcados nas falas dos Drs. Hermano e Marco. Enfatizou a representação institucional no auditório e a continuidade de debate de uma agenda tão importante, e que não só tem marcado a história da Fiocruz, mas também tem contribuído de um modo significativo para que os temas ambientais e socioambientais estejam presentes na agenda de saúde, e ainda para que não se descuide desse olhar para a saúde na construção de uma agenda socioambiental.

Citou o I Seminário de Saúde e Ambiente que ocorreu em 1989. Citou também a Jornada Nacional de Saúde e Ambiente que ocorreu em Fortaleza em 2015, sendo muito importante todo esse acúmulo na renovação de agenda e dos desafios do tempo presente; tanto em relação ao país quanto em relação ao mundo.

Agradeceu ao Dr. Marco Menezes pelo empenho na realização desse Seminário, junto com o Dr. Guilherme Franco Neto e toda a equipe da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde. Agradeceu a presença das muitas regionais da Fiocruz, o diálogo com os vários movimentos sociais presentes, a participação do ISAGS. Saudou os ex-presidentes presentes: (i) Dr. Paulo Gadelha que hoje responde pela presidência pelas estratégias da Agenda 2030 num grupo de trabalho que foi instituído nesta nova gestão; (ii) Dr. Paulo Buss - nesse momento de encontro de tantas pessoas importantes para o debate e momento de renovação nessa participação no Seminário

Ao final de sua fala fez comentários sobre o momento institucional da Fiocruz no processo de organização para o VIII Congresso Interno da Fiocruz, e que o Seminário trará aportes fundamentais, tanto na forma de debates, como também na construção de agendas e de documentos que serão fundamentais para a reflexão do processo do Congresso Interno.

Chamou a atenção de como essa agenda teve na saúde, historicamente, e na Fiocruz em particular, tensionamentos e aprofundamentos dos quais considera bastantes relevantes na história do Brasil. Todas as falas presentes na abertura, desde o coral, retratam a *“matéria vida tão fina”*, matéria que cabe a nós cuidar e preservar. Crítica social pensada em tantas vertentes na reflexão acadêmica, na luta política, na arte, e na expressão, *“formam um conjunto, uma ciranda, uma ciranda nossa que envolve pessoas capazes de fazer o mal virar bem, e é disso que a gente precisa.”*

*“Esse Seminário é uma contribuição, voltada para a construção do VIII Congresso que se realiza no ano de Oswaldo Cruz, e que vai ter continuidade em vários debates.”*

Anunciou a sessão solene no Congresso Nacional em homenagem à Oswaldo Cruz com agenda não só de colocar o papel do patrono, mas também de colocar os desafios do presente e do futuro da Fiocruz. Anunciou a reunião do Conselho Nacional de Saúde a se realizar na Fiocruz, onde a última que aconteceu foi há vinte anos atrás, e que certamente os debates do Seminário contribuirão bastante. Além de ter nesse momento com o Conselho um dos pontos centrais será a questão da Atenção Básica que também está em consulta pública e sujeita a retrocesso como várias áreas do SUS.

*“Há uma agenda de alta relevância que precisa estar integrada, tendo todas essas discussões e essas questões que se somam no processo de defesa do SUS, de afirmação da visão da Ciência e Tecnologia para a vida, para os direitos e para equidade.”*

Finalizou saudando a todos e esperando muito das contribuições que certamente virão do Seminário.

09:40 – 12:00 Mesa redonda: **Saúde, Ambiente e Sustentabilidade - Atividade 2** (acesse [aqui](#) o vídeo e [aqui](#) as apresentações)

Coordenador – *Marco Menezes*

Crise ecológica, globalização e conhecimentos alternativos: uma visão da Ecologia Política (Descolonial)  
*Marcelo Firpo*

A Saúde na Era da Sustentabilidade  
*Luis Augusto Galvão*

---

**Relatoria**<sup>5</sup> (acesse [aqui](#) o relato original)

**Marcelo Firpo** - Agradeceu o convite, fez uma fala introdutória sobre o referencial bibliográfico utilizado para a elaboração da sua apresentação. Enfatizou que o tema principal da sua fala é a crise ecológica fundamentalmente, que não se dissocia de outras crises – como a crise da democracia e dos projetos utópicos (crise do golpe em andamento); da crise de produção de conhecimento (a crise epistemológica), como produzir, para que e para quem? ; a crise de valores que está relacionada com o outro e a natureza. Uma crise ontológica: quem somos e para onde iremos? Tem origem na própria formação da modernidade – crise Crise civilizatória. Ou seja, a crise ambiental, a crise ecológica não é uma crise isolada.

Sua fala foi estruturada em 3 (três) pontos, passando idéias, sensações, e perspectivas do que ele chama de “pensamento alternativo de alternativas”. Pretende chegar a pensar alternativas de agendas e desafios.

1 – Crise ecológica pela ecologia política: capitalismo globalizado, Conflitos e Metabolismo social

2 – Pensamento alternativo – pós-colonial, epistemologias do sul e conhecimentos alternativos

3 – Desafios para a Saúde Coletiva e a área de Saúde e Ambiente.

- 1 – *Crise ecológica pela ecologia política: capitalismo globalizado, conflitos e metabolismo social*

Para falar de ecologia política, sua relação com o capitalismo globalizado, é uma atualização da economia política, a partir da centralidade da questão ecológica (incluindo os riscos ecológicos globais e sua relação com a saúde, e questões de saúde global). A palavra “de moda” é antropoceno, uma idéia central em discussão neste momento), e da justiça social.

Afirma que os processos geológicos e climáticos fundamentais nesse momento no planeta são decorrentes de ações humanas, e de sistemas econômicos e sociais. Existe uma série de agendas importantes, mas o tema da ecologia política e dos movimentos por justiça ambiental fala fundamentalmente que assim como para a saúde coletiva é importante falar das desigualdades sociais em saúde, das iniquidades em saúde, na questão ambiental, é inevitável falar de desigualdades em termos dos problemas ambientais. Existem vulnerabilidades, desigualdades e injustiças em torno de

---

<sup>5</sup> adaptado *Adaptado de Juliana Rulli e André Fenner.*

como a sociedade moderna e o capitalismo dividem os ônus e bônus do desenvolvimento econômico e os benefícios da proteção social existentes. Isso é muito claro na idéia de limites e fronteiras planetárias em relação ao conforto possível em termos de serviços ecossistêmicos, de não radicais transformações que possam colocar em risco a existência dos ecossistemas e de diversos seres vivos do planeta. Existem estudos que mostram que elementos já passaram limiares de forma irreversível. Vive-se uma crise ecológica.

Fala que a questão central da Ecologia Política é a crítica à economia neoclássica e à economia ambiental – que é a representação da economia na economia neoclássica. Existem dois grandes argumentos: (i) aplicação dos instrumentos de macroeconomia e de otimização para chegar a elementos como: - Qual o ponto ótimo da poluição para um determinado país e contexto? Quem vai morrer? A qualidade de vida enquanto um processo excludente em nome de uma otimização quantitativa. E (ii) a Curva de Kuznetz ambiental que diz que não há com que se preocupar porque o crescimento econômico, o desenvolvimento e a institucionalidade vão levar todos os países inevitavelmente a uma otimização dos danos ambientais, e da poluição. E a ecologia política demonstra que a Curva de Kuznetz é a desmaterialização dos países ricos em uma serie de objetivos e só serão alcançáveis em função da enorme violência e espoliação que ocorre no sul global, na Africa, America Latina, Asia, que produz o neoextrativismo, fornece matéria prima, violências. A Ecologia Política faz a critica radial a essa economia, e trabalha com conceitos de conflitos ecológicos distributivos; discute como o capitalismo globalizado internacional intensifica de forma violenta o conceito de metabolismo social, e a produção sistêmica de conflitos e injustiças no sistema mundo do capitalismo globalizado.

Apresentou os conflitos ambientais associados à mercantilização, o divorcio entre ecologia e economia. Onde, a economia neoclassica radicaliza a idéia de valor de troca e mercantilização da vida e da hegemonia dos mercados. Referenciou dois livros fundamentais “The problem of social cost” (Coase 1960) e “The tragedy of the commons” (Hardin (1968) – O primeiro fala da questão do custo social e da economia global, e o segundo fala sobre o grande problema ambiental que é de todos e não é de ninguém, então é preciso criar os mercados da natureza.

*“O mundo real e a economia moderna se descolaram da felicidade humana, e da existência digna do planeta”.*

Falou sobre as conseqüências ecológicas do capitalismo globalizado:

- (i) Ciência e tecnologia para o progresso: o ciclo vicioso do empreendedorismo capitalista;
- (ii) Compreensão do tempo: acoplamento entre busca incessante de lucro e o crescimento econômico;
- (iii) Expansão espacial ilimitada em busca de recursos e mercados – sair do planeta para pensar os mercados extraterrestes.

Vivemos um metabolismo social que caminhamos para a espiral da morte. Uma civilização que nega a espiritualidade e a morte, caminha para a morte. O ciclo não fecha. O Recurso – apropriação (É o agronegócio, a mineração) – circulação – transformação (grande elemento da produção industrial) – consumo – excreção: sem retorno. Há transformação, consumo, e os rejeitos não fecham o ciclo da natureza. Todas as tragédias modernas da crise ecológica estão associadas ao metabolismo social. A disputa por terra, por território, que é uma disputa por economia, que é uma disputa por cosmovisões, e todos os conflitos envolvendo a poluição – das águas, atmosférica e outras.

Como exemplo traz o Modelo Econômico virtuoso de desenvolvimento da America Latina – desde o ano de 2006, como sendo um falso modelo de desenvolvimento. (Modelo virtuoso – falso modelo de desenvolvimento). Criam-se as políticas e os apoios para o processo de desenvolvimento, mas não se aporta elementos para a sua implementação. Apoia as comunidades, mas não faz demarcação de terra, reforma agrária, dentre outros.

O Mapa dos conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil - disponível na internet trabalha com os conflitos de todo o Brasil, em cidades, campos florestas, moradores e zonas de sacrifícios, estratégico para a resistência social, ecológica, com relevância, um exemplo radical de articulação com os movimentos sociais.

- 2 – *Pensamento alternativo – pós-colonial, epistemologias do sul e conhecimentos alternativos como repensar a crise – que referenciais podem nos ajudar?*

- Referencial amplo – filósofos, com modernidade eurocêntrica. A África vista pelos europeus a partir dos Africanos. Um pensamento alternativo de alternativas: a colonial, epistemologias do sul e conhecimentos alternativos.

Boaventura de Souza Santos – referenciais pós coloniais e epistemologias do sul - Visão crítica da modernidade eurocêntrica e da globalização; Concepções eurocêntricas de sociedade, natureza e progresso negam, desqualificam e invisibilizam outras visões; linha abissal: disputas ontológicas, onde os sujeitos não modernos são considerados sub-humanos a serem subalternizados, explorados e subordinados ao centro capitalista e colonial – os sujeitos não são sujeitos; e a tarefa central é desconstruir e descolonizar – repensar novas práticas políticas em lutas do sul global.

“Porque não vemos o miserável indígena, o negro favelado, a criança de rua?”

O tema central dessa perspectiva é assumir a produção do conhecimento na sua articulação com as lutas sociais como elemento central de transformação. A transformação não virá com outras formas de praticar o conhecimento. Cita o conceito Epistemologia da cegueira – onde se exclui formas de conhecimento e os saberes do mundo. O marxismo funciona nessa perspectiva do caráter utópico, sendo necessário a transmodernidade pós colonial. Somos todos operários, trabalhadores, mulheres.... Onde há opressão há uma luta emancipatória que precisa ser desenvolvida, de forma articulada.

Enfatiza que as grandes utopias estão em crise: liberalismo – transformado em neoliberalismo, expressa a grande transformação moderna; socialismo – dialética e inevitavelmente caminhará para relações sociais e sociedades mais justas e distributivas; e capitalismo – com sua hegemonia global e institucional com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética.

“Como reinventar a utopia? Como aproximar sujeitos e saberes excluídos, e desprezados radicalmente? Como reinventar a tolerância e a solidariedade a partir das lutas? E definir que os fins não justificam os meios? No caminho perdemos os princípios.”

Como transformar ausências em presenças? Sociologia das emergências – processo de reconstrução de pequenas utopias globais – com caminhos possíveis da transformação.

- 3 – *Desafios para a saúde Coletiva e a área de saúde e ambiente*

Aponta a necessidade de institucionalização no paradigma moderno do Estado e da ciência. Traz perguntas: - Como vamos reaprender a viver e conviver?

“Imersos que nos encontramos na institucionalidade do paradigma moderno do estado e da ciência, como vamos reaprender a conviver e a transformar a forma de sermos únicos, universalizantes, e absolutamente autodestrutivos de outras possibilidades de saber, e de ser e de viver o mundo?”

Observa vitalidade nas práticas do SUS que estão na ponta, e pouco está na academia. Congratulou a presidente da Fiocruz que está pautada para as agendas libertárias. Emancipatórias. Há que nos despirmos, entender e conversar com



populações em luta.

Ao final apresentou o exemplo do Cacique Juarez Munduruku – exemplo de respeito e dignidade. Reflexão de que quando não se tem motor o caminho é tão importante quanto chegar – vê-se o caminho, os peixes, os pássaros, as árvores, vive, vê e ouve o território do qual vc pertence e faz parte. Em situação de emergência é importante, mas de modo geral não se pode perder o sentido do caminho. Quando vc perde o sentido do caminho e não sabe o que é bom. É fundamental o caminho. Ou seja: Os fins não justificam os meios.

E finalmente a leitura da carta ao Povo Munduruku – pedido de ajuda da floresta (o que a floresta diz – ela está pedindo ajuda).

**Marco Menezes** – afirmou que a carta colocada na discussão deve ser a agenda macro para manter a justiça ambiental. A Fiocruz está aberta para receber demandas dessa ordem. Exemplo da Bocaina – com o Fórum das populações tradicionais, integrando e respeitando os saberes populares como um projeto institucional. Em seguida passou a palavra para o Augusto Galvão.

**Augusto Galvão** – A saúde na era da sustentabilidade

Enalteceu a carta e a experiência vivida na exposição anterior.

Abordou os Processos Institucionais na área internacional de saúde – abordou a criação de programas conjuntos OMS, OIT, FAO, UNICEF e PNUMA. A Conferência de 72 falou sobre a importância do planeta, com uma grande tomada de consciência sobre o perigo que o planeta está passando. Atualmente com a questão da mudança climática. Primeira vez que se fala da importância de financiamento e atenção para as áreas em processo de degradação do planeta. O Programa de alimentos FAO, além do programa de monitoramento do ar e água foram criados para compreender esses processos.

Cita, em 1998, a criação de uma área de desenvolvimento sustentável e saúde ambiental (extinta em 2005) - área que teve muitos formatos. Na região das Américas permanece. Há uma discussão sobre o que se quer nessa área, junto aos governos – necessidade de levar documentos e propor discussões entre os países (determinantes sociais de saúde).

Como exemplo citou a variação de conteúdos, separados em 3 grandes grupos:

- (i) Temas sem interesse de investimentos – ainda que reconhecimentos como problemáticos para a saúde pública. Como trabalhar questões fundamentais que não são partes do complexo industrial, se interesse de investimentos - determinantes ambientais e os processos de determinantes e mudanças globais.
- (ii) Determinantes ambientais – segurança no trânsito, tabaco, saúde dos consumidores, saúde ambiental e saúde dos trabalhadores
- (iii) Processos globais: Agenda 21, ODM, Rio +10 e Rio+20, Agenda 2030, Mudança climáticas, biodiversidade, migração, segurança humana e turismo e saúde.

Apresentou a ideia de economia verde onde se excluía a questão da saúde; também o modelo de Determinantes da Saúde – em suas dimensões existentes. E ainda a Agenda 2030 com os 17 objetivos, com características diferentes em cada um deles – com dimensões econômicas, ambientais, segurança, social, e de implementação. Há prevalência da questão econômica, apesar da introdução da justiça e importância da parte ambiental – mas ainda entendendo o desenvolvimento como econômico.

Na área de saúde muito caracterizado pela questão social – mas com questões que se resolvem fora da área do que é

considerado saúde.

Apresentou também um exercício de cruzamento entre os ODS de saúde e os outros ODS para o trabalho intersetorial da Agenda 2030. Quem mais se beneficia é a parte de ambiente. O tema da sustentabilidade traz um ponto importante para avançar a agenda em termos gerais.

Apresentou também o projeto em que se mede o desenvolvimento sustentável – pensaram indicadores de ODS relacionados com a saúde em 188 países. Parte de um princípio diferente que chega no índice de ODS, onde se compara 1999 e 2015 – demonstrando que por meio dos indicadores há possibilidade de analisar a situação dos países no período.

Abordou também os argumentos sobre o caso da saúde e o desenvolvimento sustentável – premissas: (i) a saúde é um direito de todos e um bem público fundamental - Não há nenhum discurso internacional hoje em que considere o desenvolvimento econômico sem considerar a saúde; e (ii) O desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades da geração atual levando em conta a satisfação das necessidades das gerações futuras.

Neste sentido pode-se concluir que conhecer, inovar e promover os processos e soluções sanitárias em todas as suas dimensões (social, ambiental, econômica e de segurança) que protejam a geração atual e garantam o direito à saúde das gerações futuras é uma contribuição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento sustentável.

Destacou que há necessidade de conhecer, inovar e promover os processos e soluções – fez uma relação entre a aspiração e a realidade, e neste sentido faz uma provocação para o Seminário: Como a Fiocruz, enquanto Centro Colaborador da OPAS/OMS em Saúde e Ambiente, pode se renovar na perspectiva dessa agenda?

**Debate** – obs.: a relatoria do debate será inserida posteriormente.

## TARDE

13:30 – 15:00 *Mesa redonda: Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e a Vigilância em Saúde - Atividade 3* - (acesse [aqui](#) o vídeo e [aqui](#) as apresentações)

Coordenador – *Luciano Toledo*

A Vigilância em Saúde e a Fiocruz  
*Tânia Fonseca*

A Vigilância em Saúde no contexto da saúde, ambiente e sustentabilidade  
*Christovam Barcelos*

---

**Relatoria**<sup>6</sup> - (acesse [aqui](#) o relato original)

Principais Aspectos:

- Tânia Fonseca fez uma abordagem relacionada à dimensão institucional (Fiocruz)
- Christovam Barcellos fez um recorte da Vigilância em Saúde, e falou sobre a Vigilância territorial e Vigilância em Saúde Ambiental.

**Tânia Fonseca** - A primeira exposição pela Dra. Tânia Fonseca, em substituição ao Dr. Rivaldo Venâncio, *Vigilância em Saúde e a Fiocruz* teve um caráter institucional, de apresentação da Coordenação de Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência (CVSLR), da Presidência da Fiocruz. Foram abordadas as razões para a criação dessa Coordenação, que incluem: (i) o crescimento das atribuições da VPPAAS e da VPPLR, anteriormente responsáveis pelas vigilâncias na Fiocruz; (ii) a necessidade de se contribuir de forma mais orgânica para a Vigilância em Saúde, uma das prioridades para a ação institucional, nas suas diversas vertentes de trabalho; (iii) a complexidade do cenário epidemiológico e a necessidade de respostas rápidas às emergências sanitárias; a ampliação do conceito de vigilância em saúde, em consonância com a Portaria 1.378/2013.

Foram também apresentadas as atribuições da CVSLR, dentre as quais: (i) elaborar, implementar, monitorar e avaliar os programas institucionais de Vigilância em Saúde e de Apoio aos Laboratórios de Referência, contribuindo para a sua integração tanto nas atividades e ações quanto com o MS e com os gestores do SUS; (ii) coordenar o Núcleo de Vigilância em Saúde da Fiocruz e articular respostas às emergências sanitárias e problemas emergentes.

A seguir, apresentou a recente experiência com a Febre Amarela, avaliada como modelar e exitosa.

**Christovam Barcellos** - A segunda exposição denominada *Vigilância em Saúde no Contexto da Saúde, Ambiente e Sustentabilidade*, pelo Dr. Christovam Barcellos, versou sobre o conceito de ambiente e a sua relação com a saúde. Inicialmente destacou que a Fiocruz há décadas trabalha com a questão ambiental, mas que os Seminários sobre

---

<sup>6</sup> Adaptada de Marismary Horsth De Seta.

Saúde e Ambiente, sendo este o quarto, representam momentos de reflexão e acúmulo para o campo. Apontou que a definição da OMS para Ambiente – totalidade de elementos externos que influem nas condições de saúde e qualidade de vida de comunidades e indivíduos – tem um caráter operacional e pouco conceitual. Todavia, a definição é muito adequada para distinguir determinados enfoques, tais como o da epidemiologia e da toxicologia, na medida em que o ambiente não pode ser captado por meio das características dos indivíduos, e isso implica na necessidade de desenvolver metodologias para analisar a influência do ambiente sobre as condições de vida e saúde das pessoas. Reafirma que essa influência se dá mediante ao processo de exposição, conceito que tem sido tratado de forma aligeirada (ele falou maltratado) por certas disciplinas como a Epidemiologia, e que pode também ser considerado como imposição, recorrendo ao conceito de Breihl. Nesse sentido, exposição é algo que não pode ser dicotomizado em indivíduos expostos e não expostos, como fazem certos estudos, na medida em que certas condições são impostas aos indivíduos pelo modelo de sociedade e de economia na atualidade. E a relação entre ambiente e saúde, ainda segundo Breihl, é mediada pela estrutura social e pela cultura.

Destacou também o modelo das forças motrizes (OMS, 1996) ou de níveis de determinação entre saúde e ambiente tem sido muito utilizado com quem trabalha com vigilância ambiental. A crítica que é feita a esse modelo é a de que é linear e unidirecional, portanto, limitado.

Recuperada a questão da exposição, observou que cabe à saúde ambiental criar indicadores de risco, dispor esses indicadores em mapas, examinar as coincidências entre locais com altos riscos, mas também examinar os locais onde a associação entre os indicadores não é verificada. Enquanto os estudos em que há correlações entre fatores e ocorrência de doenças são saudados e passíveis de publicação em muitos periódicos, cabe à vigilância ambiental examinar por que pessoas aparentemente não expostas estão adoecendo, ou porque estão adoecendo longe das fontes de exposição. A análise espacial provê ferramentas tais como: visualização, localização, condições, predição e a medição. A ausência de correlação entre indicadores é um achado positivo para investigar, por exemplo, fatores de proteção e agravamento dos riscos.

*“A vigilância em saúde e, especialmente a vigilância em saúde ambiental, deve recuperar o contexto em que se dá a produção da saúde, e isso é mais importante do que determinar dose-resposta.”*

Após reiterar a importância da territorialização da visão sobre saúde, ambiente e sustentabilidade, o expositor explicita o conceito de território proveniente da geografia, enumera os diversos termos próprios da saúde pública que fazem referência a territórios para a Estratégia de Saúde da Família (ESF), para o controle de endemias, para as secretarias de saúde. Mas, o expositor reitera, com base em Rafestin, que o território tem duas conotações principais: geopolítica e cultural ideológica. A primeira representando o domínio administrativo do espaço, poder, gestão e controle. A segunda, como apropriação, subjetividade e representatividade.

Após citar alguns importantes autores da Epidemiologia, tais como Samaja e Rojas, nas suas formulações sobre o território na saúde, ele faz referência a uma frase de Sabroza, “se a doença é uma manifestação do indivíduo, a situação de saúde é uma manifestação do lugar”, ou seja, de um dado território. Necessário, então, conhecer esse território, o que demanda incorporar algumas geotecnologias e desenvolver roteiros de campo para avaliação qualitativa do território (o que não é possível com os atuais roteiros de investigação epidemiológica centrado nos indivíduos e seus contatos).

**Luciano Toledo** – O coordenador da mesa, no fechamento, apontou aspectos que não puderam ser contemplados na fala dos dois expositores, e que compõem a vigilância em saúde, tais como a vigilância sanitária e a vigilância em saúde do trabalhador.

**Debate** - Não houve debate no encerramento desta mesa.

**Observações** - Nesta tarde estavam previstas duas mesas que foram sequenciais, com o debate ao final da segunda mesa. A coordenação, levada a cabo por Luciano Toledo, permitiu a realização da segunda mesa sem atrasos, o que pode ter implicado em algum prejuízo nas exposições realizadas, das quais apenas a do Christovam estava disponível no site do evento no momento da relatoria.

15:00 – 17:00 Painel: **Agenda 2030 na Fiocruz – Atividade 4** - (acesse [aqui](#) o vídeo e [aqui](#) as apresentações)

Paulo Gadelha

Debatedores – Patrícia Tavares Ribeiro e Paulo Buss

---

**Relatoria**<sup>7</sup> (acesse [aqui](#) o relato original)

**Paulo Gadelha** - O Painel foi iniciado pelo Dr. Paulo Gadelha que além de trazer sua contribuição científica, foi o mediador da mesa.

Apresentou um trabalho em fase de conclusão sobre a análise crítica da Agenda 2030 no âmbito da Fiocruz.

*“A agenda é indivisível, holística e tem um significado aspiracional (pessoas, planeta, paz, prosperidade e parcerias). Esse processo mesmo sendo universal é debatido localmente, portanto há uma autonomia dos Estados que demandam certos tipos de abordagens, no sentido de fazer uma intersecção entre os ODS.”*

Destacou outra questão importante sobre a constituição da análise de sistemas, em que, hoje, a Fiocruz é parte do Conselho Nacional do IASA, no intuito de trabalhar os ODS pelo lado da análise dos sistemas complexos. A indicação genérica dos ODSs aponta para aspectos significativos do ponto de vista da equidade e a Agenda 2030 hoje é a referência mais abrangente para a mobilização de valores, direcionamento de modelos inclusivos e sustentáveis e justiça social. *“O Brasil, e em particular a Fiocruz, contribuíram fortemente para aprimorar a visão sobre desenvolvimento sustentável e o desenho da Agenda 2030 e os ODS.”*

Nesse sentido, enfatiza a importância da análise crítica do documento, trazendo como exemplo que o ODS 3 apresenta um sentido muito amplo, incorporando conceitos vida saudável e bem-estar, traduzindo uma visão ampliada de saúde.

Observa que algumas questões imediatas, no contexto atual, são colocadas como barreira ou retrocessos, e traduz o campo de disputa entre os diversos atores e países, e o que pensam sobre o desenvolvimento sustentável e saúde. São várias as críticas como formas distorcidas de cooperação internacional, a concepção de cobertura universal, entre outros. A partir dessa realidade, foram apresentados desafios decorrentes do processo político, como:

- O deslocamento da hiperglobalização para o protecionismo;
- Enfraquecimento do multilateralismo;
- Brexit;
- Fundamentalismo e exacerbação de conflitos;
- Governo Trump, os EUA fora do acordo de Paris, retrocessos em relação ao clima e outros.

O expositor também apresentou alguns destaques recentes. O *High-level Political Forum* (HLPF) com a Declaração dos Ministros, reafirmou o Acordo de Paris, o empoderamento das populações vulneráveis, o acordo da Cooperação Sul-Sul e outros como: o Fórum dos Países da América Latina e do Caribe sobre Desenvolvimento Sustentável (CEPAL), a XI Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade dos Países de Língua portuguesa (CPLP) e a apresentação do Brasil no HLPF, do seu relatório voluntário da Agenda 2030, além da participação na Comissão Nacional.

---

<sup>7</sup> Adaptada de Mariana Belo.

Assim, para a implementação da Estratégia Fiocruz em relação à Agenda 2030, a Presidência da Instituição por meio da Portaria da Presidência nº773, criou um Grupo de Trabalho para desenvolver o Marco Referencial e o Plano de Trabalho da Estratégia da Agenda 2030 na Fiocruz. Entretanto, para que esta Estratégia ganhe centralidade, deve ser reconhecida pelos trabalhadores como referência para o processo de planejamento, definição de prioridades e estratégias políticas.

Apresentou alguns encaminhamentos, considerados estruturantes para a implantação desta Estratégia Fiocruz:

- (i) Estabelecer um fluxo contínuo entre a preparação do VIII Congresso Interno e os trabalhos da Comissão da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030;
- (ii) Constituir o Plano de Comunicação da Agenda 2030;
- (iii) A Agenda 2030 e ODS devem ser adotados entre as referências centrais de um esforço de prospecção;
- (iv) A Comissão Nacional para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, recém – criada e o Relatório Nacional Voluntário sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (2017) coordenados pela Secretaria de Governo são importantes referências;
- (v) A Agenda 2030 pode ser um eixo estruturante de longo prazo para fortalecer o horizonte temporal definido para 2022, o programa institucional organizado em torno dos eixos: biodiversidade, clima e saúde, impacto dos grandes investimentos, saneamento e saúde do trabalhador.
- (vi) CT&I foi reconhecida na Conferência de Adis Abeba, que tratou dos mecanismos de implementação da Agenda 2030 como prioridade absoluta e integra hoje uma série de mecanismos adotados pela ONU para direcionar o desenvolvimento do conhecimento e da cadeia de inovação, nos âmbitos globais, nacionais e locais, para a realização dos ODS. Fiocruz que ocupa um lócus privilegiado na interface entre CT&I, Saúde e Desenvolvimento Sustentável, tem enorme potencial para contribuir nessa dimensão.
- (vii) No âmbito da Saúde Global e Cooperação Internacional, o trabalho desenvolvido pelo CRIS (Centro de Relações Internacionais em Saúde) e, em particular, o Centro Colaborador da OMS – OPAS para a Saúde Global e Cooperação Sul-Sul é o lócus estruturante da “Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030”;
- (viii) O mapeamento das linhas de pesquisa, ensino e projetos de intervenção realizadas na Fiocruz, referenciados ao tema do desenvolvimento sustentável servirá de base para a análise crítica da relevância dos mesmos para a “Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030”, esforço de agregação priorização e identificação das lacunas;
- (ix) A “Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030” fará um esforço para identificar um corpo de doutrinas e abordagens conceituais que deverão presidir sua implementação a partir da determinação social da saúde e temas conexos, dos estudos sociais de ciências, da Ecologia de saberes e da teoria crítica sobre inovação e de modelos de desenvolvimento, para citar preliminarmente algumas chaves que podem presidir esse esforço;
- (x) A identificação dos principais atores e interlocutores do Estado e da Sociedade Civil para os quais devem se dirigir os esforços da Fiocruz para a Constituição de redes, alianças e enfrentamentos, assim como as respectivas estratégias para a condução desse processo, será uma tarefa da “Agenda Fiocruz para a Agenda 2030”.

Finaliza sua fala citando um evento formal da ONU (Organização das Nações Unidas), que acontecerá em novembro, na Fundação Oswaldo Cruz, chamado *Saúde, Inovação e Agenda 2030*. Será um evento relevante que trará discussões sobre saúde, desenvolvimento sustentável e as metas relacionais à Agenda 2030 relacionadas à saúde.

**Patrícia Tavares Ribeiro** – na sequência a Pesquisadora Patrícia Tavares Ribeiro, agradece a oportunidade pelo convite, reitera que a construção da sua apresentação está baseada no cenário discutido pelo Centro de Estudos Política e Informação sobre Determinantes Sociais em Saúde (CEPI/DSS) e também a partir da sua trajetória profissional que tem acompanhado o processo de descentralização dos serviços de saúde no Brasil.

Foi apresentado o conceito de Desenvolvimento Sustentável (1987) do Relatório de Brundtland, e a visão da Agenda 2030 do mundo desenvolvido (2015). A partir desse referencial, principalmente o conceito de Desenvolvimento Sustentável apresentado em 1987, a pesquisadora fez uma relação que, hoje, nós somos o futuro que aquela definição esperava naquele momento. E traz uma reflexão:

*“Que presente é esse? Não é simples pensar esse presente.”*

A pesquisadora coloca que, concordando ou não, essa Agenda está no cenário de formulação e implementação das políticas públicas. São várias iniciativas que dialogam com essa agenda, novos arranjos de governança como resultado dessa descentralização que ocorreu recentemente, com muita experimentação no nível local.

Os últimos encontros sobre Determinantes Sociais em Saúde – Comissão sobre DSS da OMS, Comissão Nacional sobre DSS e Conferência Mundial sobre DSS – trouxeram cinco eixos temáticos principais, são eles: (i) Governança para o enfrentamento das iniquidades em saúde; (ii) Promoção da participação para a ação sobre os DSS; (iii) Papel do setor saúde na redução das iniquidades em saúde; (iv) Ações globais sobre os determinantes sociais e, (v) Monitoramento das iniquidades em saúde.

Destacou que entre diversos documentos sobre o tema, a OPAS chama atenção para os ODS como oportunidades para a abordagem dos DSS através de ações multisetoriais, construção de políticas de promoção da saúde, estabelecimento de sinergias com a agenda STP (Saúde em Todas as Políticas), além da intersetorialidade entre saúde, educação, emprego e inclusão social.

A partir do contexto do cenário nacional, muitas experiências já estão em curso orientadas pelas diretrizes apresentadas. A pesquisadora acredita que seria interessante aproveitar a Agenda Nacional para trabalhar, sistematizar diversas questões, como:

- Novos Arranjos de Governança;
- Políticas públicas e arranjos institucionais que privilegiam a intersetorialidade;
- Instrumentos de planejamento adotados;
- Iniciativas intersetoriais governamentais domésticas implementadas ou em implementação;
- Estudos existentes, pesquisadores e instituições com atuação na área de DSS, STP, ODS e equidade;
- Problemas sociais, objeto dessas iniciativas e estudos;
- Agendas nacionais e internacionais relacionadas a esse campo de iniciativas e suas interfaces, convergências e divergências;
- Trajetórias institucionais dessas diferentes agendas dentro dos governos e sociedades.

Sob o foco da Agenda 2030, a pesquisadora coloca a necessidade de construção e fortalecimento das agendas nacionais próprias como forma de subsidiar as agendas regionais, além de buscar consensos políticos quanto à oportunidade de implementação de estratégias e agendas internacionais, consolidar redes, promover intercâmbio de experiências, estudos comparativos de experiências nacionais, construir e fortalecer a agenda nacional própria.



As convergências dessas agendas, segundo a pesquisadora, devem ser exploradas criticamente pensando em como estabelecer a equidade, a saúde em todas as políticas públicas.

A partir da análise dos ODSs, a pesquisadora acredita que o alcance do Objetivo 11 garante o alcance de todos os outros objetivos, inclusive relacionado a sua fala com a do pesquisador Augusto Galvão (da mesa que antecedeu) que apresentou as evidências entre os ODS e o objetivo 11 é o que mais aparece com interseções: “Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis”.

Assim, de uma forma reflexiva, questiona:

*“Como a saúde contribui para o cumprimento das metas do ODS 11?”*

Foram apresentadas algumas respostas que relacionam conceitos com base territorial, como equidade territorial, governança territorial, olhar o território das intervenções públicas como um território usado, desenvolvimento territorial e planejamento territorial.

Nesse sentido, foi apresentada uma experiência bem sucedida de abordagem territorial entre a Fiocruz Rio, Manaus e Pernambuco, realizada a partir da organização e mobilização da Região Norte para a Conferência de Determinantes Sociais da Região Norte, articulada por vários atores regionais e locais sobre o processo de saúde-doença local.

A pesquisadora finaliza sua apresentação, identificando algumas oportunidades desse tema, como a possibilidade de trabalhar na lógica transversal, buscar integrar as competências institucionais, além de realizar mais encontros como este para socializar as experiências dos pesquisadores, além de promover uma reflexão coletiva.

**Paulo Buss** - Para concluir a apresentação da banca formada pelos três pesquisadores, Paulo Buss apresenta suas considerações. Inicialmente, reitera que as contribuições da pesquisadora Patrícia serão incorporadas nas discussões do Grupo de Trabalho que a Presidência da Fiocruz constituiu, dando maior ênfase aos três últimos slides com a apresentação de uma excelente agenda.

Foi feito um resgate da sua história de trabalho em relação ao tema. Ele começou a trabalhar com esse tema a partir de 2011, em razão do envolvimento do CRIS (Centro de Relações Internacionais em Saúde) com a preparação da Conferência Rio Mais 20, e a Resolução nº 70.1. O pesquisador tem percebido duas relações complicadas em relação à Agenda 2030: *“ou as pessoas a idealizam ou a demonizam”*. Entretanto, discorda das duas posições.

Em relação à idealização da Agenda 2030, considera incoerente afirmar que a Agenda é um arranjo que começou a se constituir na crise econômica do capitalismo, há dez anos atrás. Por isso, várias ações foram desenvolvidas para preparar a sociedade para o próximo século, subsidiando, inclusive, a Declaração do Milênio e consequentemente, os ODM. No entanto, os ODM não foram alcançados em muitos países, principalmente devido à crise do capitalismo central das grandes potências como os EUA e União Europeia. Essa conjuntura global, nacional e regional trouxe grandes impactos socioambientais e possibilitou como resposta ao arranjo governamental, a Agenda 2030. Nessa perspectiva, destacou que há interesses relacionados aos ODS que não condizem com o preâmbulo do documento, e tal fato, pode incorrer na *“demonização”* da Agenda 2030.

Assim, o Pesquisador cita a importância da Fiocruz, a partir de uma visão crítica que foi construída há trinta anos, com um pensamento de restauração conceitual que passa pela determinação social da saúde, saúde e sociedade, saúde e desenvolvimento, conceito ampliado de saúde, ou seja, sempre com uma visão crítica e não com uma visão da micro saúde pública.

O expositor finaliza sua apresentação com duas considerações importantes: (i) Deve-se olhar criticamente o processo político global (são várias questões abordadas como a desigualdade, a concentração, a corrupção, a migração). Mesmo com cada agenda tratando as questões individualmente, a Agenda 2030 apresenta-se como uma política global que precisa ser olhada criticamente. E esse é o papel desta Instituição, a Fiocruz.

Embora considere que não seja um papel fácil, já citado anteriormente pelo Dr. Paulo Gadelha, sugere ainda que a Instituição realize estudos que demonstrem os impactos na saúde humana decorrentes do ajuste fiscal e da perda de direitos em que o Brasil está submetido neste governo, uma postura política oposta aos principais conceitos contidos na Agenda 2030. E, (ii) O segundo ponto abordado, é em relação aos programas de pós graduação lato sensu e stricto sensu da Fundação Oswaldo Cruz. Considera primordial retomar alguns aspectos doutrinários para discutir com maior profundidade a determinação social da saúde, o planejamento governamental, a regulação do Estado sobretudo entre o interesse público e privado. São várias as questões que precisam ser revistas com urgência e por isso, destacou que a oferta de disciplinas dos cursos precisa ser revisada, afim de contribuir para a formação de um profissional de Saúde Pública com maior visão crítica e capacidade analítica.

Concluiu sinalizando a importância da adesão Institucional na contribuição à Agenda 2030 e aos ODS, sem idealizá-los, mas também sem “*demonizá-los*”.

## MANHÃ

8:30 – 9:30 – *Painel: Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz – Atividade 5* - (acesse [aqui](#) o vídeo)

Guilherme Franco Netto

---

## Relatoria<sup>8</sup>

**Guilherme Franco Netto** – Apresentou o histórico, a constituição do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade (PISAS) que considera os aspectos:

A Fiocruz, enquanto uma instituição estratégica do Estado Brasileiro em saúde tem ao longo de sua história dedicado atenção às relações entre saúde e ambiente. Desde sua origem, Oswaldo Cruz, seguido por Carlos Chagas e outros eminentes sanitaristas consideraram as relações entre a saúde e o meio ambiente na sua produção científica.

Na década de 50, quando da criação da Escola Nacional de Saúde Pública, constituiu-se o Departamento de Saneamento e Saúde Pública que ao longo de sua trajetória em muito vem contribuindo com o ensino de pós-graduação neste campo, entre outras iniciativas de desenvolvimento de soluções tecnológicas decorrente da crescente demanda do saneamento no país.

Na década de 80, resultante das pressões da sociedade e dos trabalhadores impactados pelo crescimento do parque industrial nacional, pela expansão das fronteiras agrícolas e pelo súbito e acelerado crescimento das cidades sem infraestrutura adequada, estrutura-se o Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTEH) que, por meio de programas e linhas de ensino e pesquisa cumpre um importante papel no desenvolvimento dos aspectos teórico-conceituais, técnico-científicos, metodológicos e operacionais do campo da saúde do trabalhador e da ecologia humana.

No contexto da Rio 92, a competência em saúde e ambiente ganha nova dimensão institucional, passando a integrar espaços no âmbito da Presidência da Fiocruz, o que possibilitou a indução progressiva de iniciativas neste campo nas diversas unidades, visando enfrentar os novos desafios que se apresentavam. Este percurso possibilitou com que a produção científica da Fiocruz em saúde e ambiente repercutisse em escala nacional e internacional o que estimulou o estabelecimento de uma importante rede colaborativa nacional, tendo como norte o fortalecimento da Política Pública de Saúde, consolidada no SUS. Nesse processo de crescimento e aprimoramento são estabelecidos o Programa de Saúde e Ambiente da Fiocruz e a Câmara Técnica de Saúde e Ambiente, atualmente sob a responsabilidade da VPAAPS.

A Saúde Pública no Brasil, atualmente, se organiza em teorias que enfatizam as dimensões biológicas e individuais ao analisar tendências relativas à distribuição de riscos, doenças, incapacidades e mortes nas populações. E também em teorias com ênfase nas relações sociais e ecológicas, resultando em estratégias de planejamento e políticas públicas que enfatizam desde a eficiência de tecnologias, serviços de saúde assistenciais em medidas pontuais de prevenção, até a

---

<sup>8</sup> Adaptada de Juliana Rulli e André Fenner, e do texto intitulado: “Considerações para uma agenda estratégica de Saúde e Ambiente e Sustentabilidade: horizontes da Fiocruz para 2022”.

promoção a saúde como resultado do modo de produção e consumo.

Fortalecer a discussão do modelo teórico da relação Saúde, Ambiente e Sustentabilidade, instrumentalizar sua operacionalização, via vigilância em saúde ambiental, foi um desafio assumido pelo Brasil durante a última década, particularmente pela Fiocruz. Dentre os desafios, ainda hoje em processo de superação, estão a necessidade de formação de equipes multidisciplinares, além da construção de sistemas de informação capazes de auxiliar a análise de situações de saúde e a tomada de decisões, o desenvolvimento de tecnologias sociais a serem incorporadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), as dimensões da produção de conhecimento (discussão teórica), da política, da governança e do controle social, devendo estar articuladas ao processo operacional, com ênfase na vigilância em saúde.

A consolidação desta abordagem institucional dos problemas de saúde e dos serviços de saúde no âmbito da Fiocruz e do SUS vem suscitando uma revitalização e reorientação da agenda institucional de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Saúde da Fiocruz frente às necessidades dos territórios e Regiões de Saúde, induzindo, identificando e reconhecendo projetos estratégicos e soluções no âmbito dos serviços de saúde e dos determinantes sociais da saúde. Ao praticar o pensamento estratégico e comprometido com mudanças concretas no cenário mais amplo das Políticas de Saúde, a VPAAPS passa a redesenhar fronteiras e objetos, redimensionar espaços de atuação institucional e, por sua vez, identificar vazios que demandem políticas de indução. A Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS), criada em 2009, resulta de sucessivos realinhamentos da área de saúde e ambiente no âmbito da Presidência da Fiocruz, com o intuito de fortalecer arranjos político-institucionais orientados aos Problemas de Saúde concretos enfrentados nas fronteiras da ação pública e territorializada no Brasil.

A criação do Programa Institucional de Saúde & Ambiente da Fiocruz em 1997 teve como um dos seus principais desdobramentos a criação da Câmara Técnica de Saúde e Ambiente (CTSA) em março de 2001, estruturada a partir da organização interna de grupos de pesquisa e pesquisadores em torno de eixos temáticos de saúde e ambiente, e que possui papel estratégico para o campo de atuação.

Ainda, do ponto de vista externo, a construção de uma relação estável, orgânica e crítica no processo de pactuação das agendas estratégicas dos Ministérios da Saúde, do Meio Ambiente, da Cultura, e do Desenvolvimento Agrário, e da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS), entre outras, desafiou a VPAAPS a induzir uma ampliação das atividades de ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, com superação da pulverização e falta de integração de diferentes projetos institucionais.

A participação da Fiocruz para o estabelecimento de agenda permanente voltada para a agenda pós 2015 – que inclui os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, tem sido acompanhada pela participação ativa do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade.

Ainda, como desafio, tem-se a reflexão de que o VII Congresso Interno da Fiocruz, realizado em 2014, reafirmou as macrodiretrizes estratégicas que norteiam sua agenda de mudanças. O resultado almejado agora é de que no Mapa Estratégico Institucional da Fiocruz, no horizonte do VIII Congresso Interno a se realizar em 2017, o eixo Saúde, Ambiente e Sustentabilidade não somente se consolide como um elemento central do conhecimento, da produção científica e do fortalecimento da prática de serviços, mas se constitua em um elemento relacional central da prática cotidiana de prestação de serviços estratégicos pela Fiocruz, e de qualidade do estado brasileiro à sua população.

9:30 – 13:00 — *Mesa redonda: Saúde, Ambiente e Sustentabilidade na Fiocruz e os Desafios institucionais – Atividade 6* (acesse [aqui](#) o vídeo e [aqui](#) as apresentações)

Coordenador – Ary Miranda

9:30 – 10:00 – Agroecologia e Saúde  
André Burigo

10:00 – 11:00 – Saneamento e Saúde  
Leo Heller e Clementina Feltmann

11:00 – 11:30 – Grandes empreendimentos e impactos à saúde Alexandre Pessoa

11:30 – 13:00 Debatedores – Movimentos Sociais

---

**Relatoria**<sup>9</sup> (acesse [aqui](#) o relato original)

**Ary Miranda** - O processo de crise mundial tem trazido conseqüências para todos. Essa situação já é verificada nos EUA. No Brasil, se somamos homicídios e acidentes de trânsito chegamos a 100.000 mortes por ano, o que pode ser comparado com países em guerra. Em 2016 foram assassinadas mais de 60 lideranças do campo e quilombolas no Brasil. Nesse contexto global e nacional, como a Fiocruz se insere hoje na questão de saúde, sustentabilidade e ambiente.

**Clementina dos Santos** - “Estamos aqui para discutir, para pensar e para tentar construir novos caminhos”. “O diferencial é que é participativo”. “Não precisamos ter todos os sabres, devemos ter parcerias.”

As questões de saneamento e saúde não são importantes apenas na academia, mas no cotidiano e precisamos nos responsabilizar pelo o que podemos mudar. O panorama mundial reflete a fragilidade da saúde a partir do ambiente. De acordo com dados coletados, atualmente a poluição no ambiente tira a vida de 1,7 milhões de criança com menos de 5 anos por ano (OMS 06/03/17). As cinco principais causas são: 570 mil morrem por doenças respiratórias, 361 mil crianças morrem por diarreia como resultado da falta de água potável e saneamento de esgoto, 270 mil morrem em seu primeiro mês de vida devido a condições de saúde, 200 mil morrem por malárias que poderiam ser evitadas, 200 mil crianças morrem por lesões não intencionais, atribuíveis aos ambientes.

Os resíduos eletrônicos e elétricos também são ameaças ambientais emergentes quando imprópriamente reciclados e expõem as crianças a toxinas que podem levar a redução na inteligência, déficit de atenção, danos no pulmão e câncer. Outra ameaça são as mudanças climáticas, favorecendo o aumento de pólen, que esta associada ao crescimento das taxas de asma em crianças. Com relação a Zika, o primeiro caso foi diagnosticado em maio de 2015 e futuras ondas epidêmicas são consideradas prováveis então deve-se pensar em soluções inovadoras para problemas persistentes. A falta de infra-estrutura de saneamento e drenagem geram impactos e conseqüências na saúde.

Com relação aos ODS, cabe correlacionar as questões transversais com o saneamento nos campos: i) ODS 3, objetivo 3.9; ii) ODS 6 diretamente relacionado, o qual objetiva assegurar a disponibilidade e gestão da água para todos a partir

---

<sup>9</sup> Adaptada de Tatsuo Shubo e Gustavo Machado

dos itens 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 6.6, 6.a, 6.b; iii) ODS 11 – tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, objetivo 11.6; iv) ODS 12, objetivos 12.4, 12.5.

Nesse contexto da Agenda 2030, apontou quais são as contribuições do Departamento de Saneamento e Saúde Ambiental/ENSP/Fiocruz são: Desenvolvimento de ensino, pesquisa, tecnologias e cooperação na área de saneamento e saúde ambiental, mas especificamente: i) Contribuição para o inventário de Emissão de Gases de Efeito Estufa – GEE por ETEs no painel IPCC; ii) pareceres técnicos ao Ministério público referente a qualidade da água para abastecimento; iii) avaliação de risco de contaminação de águas costeiras por esgotos domésticos; iv) promoção de conforto térmico e saúde em edificações através do uso de sistemas vegetados modulados em coberturas e paredes, v) orientação no relatório final e conclusão dos trabalhos da comissão especial da baía de Guanabara com participação em audiências públicas que culminam em projetos de lei; vi) atuação junto aos Comitês de bacias; vii) Assembléia da água – encontro preparatório; viii) Participação no PNSR; ix) planos de segurança da água; x) cooperação técnica de saneamento no Peru; xi) participação no simpósio de promoção da saúde dos migrantes; xii) laboratório de desenvolvimento de sistemas de tratamento de esgotos; xiii) desenvolvimento tecnológico com parcerias; xiv) plataformas para análise de água com equipamentos multiusuários com credenciamento junto ao INEA – atualmente sendo realizada apenas assessoria técnica; elabora relatórios técnicos; colabora na elaboração de projeto de Lei sobre valores de referência em saúde ambiental; xv) aborda o tema “telhados verdes sob a ótica do conforto ambiental e do controle de cheias, utilizando materiais reaproveitáveis; xvi) participa de audiências públicas; xvii) está elaborando o curso de Plano de Segurança da Água e Plano de Segurança de Saneamento; e xviii) participa da Rede Interamericana de Habitação Saudável.

*“A atuação do DSSA não se limita à academia.”*

*Nesse sentido amplo de atuação em parcerias os desafios identificados para atuação na Fiocruz: i) promover o uso de água de chuva e efluentes tratados; ii) promover uma gestão integrada dos recursos hídricos das unidades; iii) consolidar o laboratório de desenvolvimento e inovação tecnológica em saneamento; fortalecer a integração com outras unidades; tese de transformar o Campus em uma área sustentável; contribuir ETE mais sustentáveis; contabilização sobre GEE.”*

Para atuarmos em , afirma: é importante enxergarmos a terra como uma casa comum a todos, como apontado na carta encíclica Laudato Si do Papa, que traz em seu item 13 o desafio urgente de cuidarmos da casa comum.

**Leo Heller** – Com relação ao saneamento, o panorama nacional mostra as dificuldades intrínsecas na implantação e em políticas públicas nesse setor. O PLANSAB, aponta que 40% da população brasileira não tem atendimento ao serviço de abastecimento de água, 40% não possui atendimento adequado para manejo de resíduos sólidos e 60% não tem acesso ao tratamento de esgoto. Esses números apresentam um desafio enorme para a população brasileira.

Quando desagregamos estes números em um panorama detalhado, fica clara a discriminação estabelecida no desenvolvimento desses serviços no Brasil, com disparidades entre as zonas rurais e urbanas, negros e indígenas e brancos, municípios pequenos e grandes. Essa desigualdade se mostra acentuada no Brasil devido a questão da desigualdade social inerente no país. Porque o Brasil não atingiu a universalização? O ambiente político institucional é de instabilidade e descontinuidade, não permitindo a continuidade das políticas mais abrangentes. Neste panorama, o ambiente político institucional e a forma como as políticas públicas nesse setor foram construídas traz a dificuldade de avanços para universalização.

Na região das Américas há diversos desafios intrínsecos ao próprio setor de saneamento que são: 1) tecnocentrismo, porque há uma predominância grande de uma visão tecnocrática, sem associação a gestão e políticas adequadas, com

foco na engenharia e na tecnologia 2) elitismo, porque é um setor pouco aberto ao controle social 3) encapsulamento, pois é um setor com baixa potencialidade de se associar a outros setores, 4) imediatismo, falta de planejamento a longo prazo. Esse cenário faz com que o saneamento seja uma das áreas com maior atraso no Brasil.

Nesse sentido a lei de saneamento de 2007 define a necessidade dos municípios planejarem e construírem plano municipal de saneamento para ter acesso a recursos. No entanto, muitas vezes esses planos são elaborados apenas para cumprir a lei e acessar os recursos, sem um planejamento real e efetivo.

Em termos de políticas públicas, o saneamento é uma das mais atrasadas. Nesse quadro de falta de infra-estrutura, há uma negligência do SUS para com as políticas de saneamento. Pois é uma atribuição do SUS participar da construção e das políticas de saneamento, estando em plano secundário no âmbito do SUS. Em muitos casos essa responsabilidade é repassada ao Ministério das Cidades ou a Funasa, que também é do Ministério da Saúde.

Atualmente os grandes temas de comunicação no âmbito da saúde não estão mais relacionados com as doenças parasitológicas, mas quando tomamos o universo pelas médias, não dá para pensar o Brasil como uma população homogênea. Dessa forma, temos que ter uma agenda dupla, pois temos regiões desenvolvidas e sub-desenvolvidas dentro do país, com múltiplas realidades. Quem está nas periferias e áreas rurais, vivencia situações inadequadas de saneamento, sem mencionar os excluídos que não fazem parte das estatísticas, que moram nas ruas, nas penitenciárias, dentre outros. Nesse sentido, ignorar o saneamento como importante é homogeneizar uma população de forma indevida.

Leo Heller não defende que o SUS deva abraçar todas as ações de saneamento, mas acredita que também não deve se limitar a indicar o saneamento apenas como um determinante da saúde. O SUS deve promover e participar das discussões sobre saneamento de forma profunda, influenciando na formulação das políticas públicas. Nesse contexto, a Fiocruz exerce papel fundamental. É complicado ignorar ações nesse sentido e não atuar inter-setorialmente. Para além da investigação e apresentação da problemática da falta de saneamento, cabe uma articulação do setor saúde com as questões de saneamento. Há uma dupla negligência para com o setor saúde e com as populações excluídas.

Como essa realidade se insere no contexto da Fiocruz? O saneamento já é histórico na Fiocruz, no entanto cabe a Fiocruz se alinhar com o contexto para contribuir com esses desafios a partir de: i) campo das políticas públicas no seu acúmulo de expertises para olhar para o campo de saneamento como determinante de saúde, ii) na dimensão do controle social, iii) dimensão orçamentária; dentre outros pontos.

Tema chave é o direito humano enquanto determinante de saúde. E é sobre esse pilar que o documento inicial do Termo de Referência articula mais duas vertentes teóricas: Promoção da Saúde; Justiça Ambiental.

Um dos problemas para a universalização do saneamento é que os cenários são pensados em termos de estabilidade e não em termos de mudanças (mudanças climáticas, migrações, restrições orçamentárias etc).

Há ainda lacunas de conhecimento importante em situações específicas, como o exemplo das pessoas que moram nas ruas, nos assentamentos dossem terra, nas penitenciárias, para se entender melhor certas realidades no campo da pesquisa.

No campo das epidemias, arboviroses, sinto que já compreendemos a conexão com a falta de saneamento, mas ainda entendemos mal como atuar nessa relação saneamento- saúde. Vivemos num mundo de mudanças, as medidas globais de austeridade vão fomentar menos recursos para esse setor de saúde e saneamento. Além disso, o contexto de mudanças climáticas gera maior impacto nas populações em estado de vulnerabilidade e as mudanças tecnológicas podem trazer novas oportunidades.

Nesse âmbito de constantes mudanças, como podemos fazer uma leitura mais transversal dos ODS entre as metas? Para isso é importante pensar em monitoramento dessas metas, em monitoramentos locais, em conceitos de implementação e monitoramento, para pensarmos em como traduzir bem os ODS para uma visão mais progressista em torno da sustentabilidade.

É importante pensar como estabelecer a colaboração de metodologias qualitativas ao saneamento, com inclusão e envolvimento das comunidades em vulnerabilidade. Há também um grande desafio teórico, para compreender o saneamento, saindo da visão tradicional.

A partir de todo o panorama levantado e da infra-estrutura da Flocruz, no documento elaborado foram utilizadas três abordagens teóricas: 1) promoção da saúde, 2) injustiças ambientais, 3) universalização do saneamento. Nesse sentido, são evidenciadas as populações em situação de vulnerabilidade e discriminação por parte de negligência do Estado para promover uma visão de refletir sobre a universalização do saneamento.

Há inúmeros desafios em questões de esforços teóricos e metodológicos e cabe inovar no sentido de garantir a equidade para acesso a esses direitos.

**André Burigo**—Ressaltou que tem atuado na questão da saúde e agroecologia em áreas de reforma agrária e como isso está diretamente relacionado com a questão dos agrotóxicos. Com relação à agroecologia devemos debater a questão agrária para repensar a questão da construção fundiária e de concentração de riquezas. Não tem como enfrentar o debate da agroecologia sem mencionar a questão do acesso a terra.

Para trazer um elemento breve da hegemonia do agronegócio, atualmente há um projeto para ampliação no cerrado em MATOPIBA, 73 milhões de hectares, para soja, algodão em transgênicos, com uso de agrotóxicos. Está-se falando de uma área que reflete em 31 microrregiões que compõem o território do MATOPIBA. Só no Maranhão são apontadas aproximadamente 500 comunidades quilombolas que são invisibilizadas para garantir a implementação do projeto. Atualmente os direitos das comunidades quilombolas tituladas está sendo revogado através do corte da lei de titulação.

Foram apresentados dois vídeos:

1º agricultor do Tocantins pede que todos assinem um documento reconhecendo o Serrado como patrimônio nacional.

2º fala da anulação do decreto 4.886, que decreta a anulação do reconhecimento dos quilombos.

A agroecologia é importante para garantir a diversidade desses povos e de seu manejo com a natureza. Cabe apontar três passos estratégicos enquanto contribuição do SUS e da saúde coletiva para a superação do modelo de desenvolvimento agrícola hegemônico: 1) áreas de vigilância ambiental em saúde e em saúde do trabalhador devem se debruçar em estudos que revelem a realidade do trabalho rural e dos impactos dos agrotóxicos; 2) aprofundar a discussão sobre os impactos do modelo de desenvolvimento dentro do campo da saúde coletiva; 3) avançar na construção de uma agenda de pesquisa que articule o campo da saúde coletiva com outros campos e práticas, para que se avance pra além da denúncia.

Produção de alimentos caiu em detrimento de cana, soja e algodão, enquanto que a população aumentou em 45 milhões desde 2004 até 2014. Nesse sentido a estratégia de venda dos agrotóxicos como solução para a fome desde a década de 1960, para que toda a humanidade possa se alimentar, cria um mito que mantém a retórica e o ocultamento do impacto dos agrotóxicos direto nos trabalhadores e indireto na saúde e no ambiente. Atualmente foi lançado um livro “Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo” de jornalista com muitas inverdades, que corrobora com essa abordagem. Cita CPI sobre



os impactos dos agrotóxicos em plena ditadura militar.

No Encontro Nacional de Diálogos e Convergências foi estabelecida a necessidade de atuar em rede para conseguir expandir essa articulação. O dossiê da ABRASCO é fruto desse processo e traz uma abordagem direta e clara sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.

Nesse contexto, a agroecologia aborda vários temas: agricultura ecológica, agricultura alternativa, agricultura sintropica, permacultura, agricultura orgânica, dentre outros.

Três sentidos de afirmação da agroecologia na sociedade brasileira:

- 1) Como uma teoria crítica do modelo de agricultura industrial e de suporte conceitual e metodológico para a construção de agroecossistemas sustentáveis;
- 2) Como prática social coerente com a teoria agroecológica;
- 3) Como um movimento social que mobiliza diversos atores envolvidos no desenvolvimento da agroecologia e de outros campos engajados em defesa da sustentabilidade e a justiça social.

Como construir mercados e iniciativas autônomas que expressam a radicalidade da agroecologia?

Agroecologia relacionada a outros temas importantes: construção de mercados locais, resiliência, convivência com o semiárido, reconhecimento dos saberes tradicionais, proteção dos bens comuns e promoção da biodiversidade, segurança e soberania alimentar, feminismo, juventude, educação do campo, comunicação, terra, dignidade.

*“Não tem como não falar de agroecologia sem abordar o projeto ASA e um milhão de cisternas, que foi construído com participação social e mutirão para construção das mesmas.”*

Exemplo nos processos de agroecologia, 50% devem ser mulheres e 30% devem ser jovens. As mulheres devem ser evidenciadas e incluídas por promoverem o cuidado.

Aponta que com agroecologia podemos pensar sobre as plantas medicinais, sobre os modos de produção. A vigilância sanitária neste momento está com uma atuação complicada que invisibiliza os impactos dos agrotóxicos. No âmbito municipal e estadual a vigilância sanitária exige padrões de grandes empresas que inviabiliza o mercado para pequenos e médios produtores.

No contexto político de incentivo ao agronegócio, a ANVISA está destruindo os laboratórios de análises de resíduos de agrotóxicos para esconder a falência do modelo. Exigência de padrões de higiene e biossegurança compatível com indústrias de médio a grande porte, visa inviabilizar a participação da produção agroecológica na economia. Além disso, a urbanização em escala mundial é guiada por um modelo de negócio que baseia a alimentação em proteína animal e no agronegócio.

Um desafio das experiências da Fiocruz é como colocar essas experiências de agroecologia em contato para dialogar e fortalecer as mesmas. Experiências curriculares, de ensino, pesquisa no campo de ervas medicinais, e nesse sentido a comunicação tem um papel estratégico. O canal saúde tem uma série curta agroecologia. Projeto do OTSS que dialoga com agroecologia, no Ageu Magalhães feiras agroecológicas, no OTSS das políticas públicas das florestas e das águas. Cursos *stricto e lato sensu*, extensão, observatório Bocaina, Canal Saúde, Observatório das populações do campo de da floresta. Como fazer a incorporação desse debate de forma estratégica não só para o campo mas para as cidades e como pensamos um seminário dentro da Fiocruz para construir metodologias?

Desatacou, ao final, que o Desafio é levar o tema como tese ao Congresso interno.

**Alexandre Pessoa** - Destacou que não somos poucos, todos os profissionais aqui presentes apresentam estudos de vida de resistência. Talvez estejamos espalhados e nesse sentido é importante promover esse diálogo entre as diversas iniciativas.

Os passos vem de longe, a partir dos grandes empreendimentos, no entanto os impactos não são contabilizados. Nos avaliamos no tempo real quais seriam os impactos da copa, das olimpíadas? Na lógica das commodities e da exportação não avaliamos esses impactos.

A onda da privatização do saneamento, não é apenas sobre a privatização do saneamento, mas a mercantilização da vida. As águas engarrafadas são um mercado potente. Os grandes consumidores e poluidores reduzem os atributos das coleções hídricas ao transporte dos efluentes. As grandes barragens, a transposição do Rio. Andre Monteiro com trabalho do Ageu Magalhães de dar visibilidade aos atingidos. A privatização da orla. Energia eólica que traz impactos ambientais. A carnicultura, que produz alimento mas usa parasita ao território e abandona com cadeia de agrotóxicos e antibióticos. Especulação imobiliária na orla, turismo predatório, submarino nuclear na baía de sepetiba,

Falou sobre como atuamos em rede dentro da Fiocruz sem nos fragmentar. O modelo de desenvolvimento e modus operandis desses empreendimentos traz a mesma repetição de impactos e negligência social. Esses processos em pleno século XXI mostram a repetibilidade dos grandes empreendimentos.

Na Rio+20 os impactos a saúde não eram apontados. A fiocruz trouxe essa abordagem para o espaço de saúde e ambiente e sustentabilidade na cúpula dos povos, para discussão do campo COMPERJ, TKCSA, mostrando o processo de desterritorialização desses empreendimentos.

Fiocruz na cúpula dos povos, com discussão dos temas dos agrotóxicos e das favelas e traz a importância de resgatar os documentos elaborados na época. E a mídia apresentando a visão hegemônica da economia verde. As nossas piores previsões não podiam prever a situação atual de expulsamento e desapropriação de diversas comunidades.

Os atingidos se tornam uma categoria sociológica: trabalhadores das próprias empresas, moviemnto dos atingidos das barragens, atingidos da Vale, pela industria do petróleo e petroquímicas, pela mineração, pelo deserto verde, pela copa, pelas siderúrgicas, pela transposição do rio são Francisco.

Modelo de desenvolvimento na Baía de Sepetiba apresentado. O contexto: Flexibilização e mercantilização da vida. Licenciamento com prazos de avaliação técnica reduzidos, com eliminação de fases do licenciamento, dispensa de EIA/RIMA, com participação da sociedade civil reduzida.

A Audiência pública da TKCSA em 27/03/14, para apresentar os resultados do estudo de saúde do trabalhador.

Os desafios para Fiocruz são: 1) industria das multas (vem como compensação ambiental com protagonismo do poluidor e se tornando um marketing dos empreendimentos) funcionam como uma garantia de projetos que dificulta também a autonomia das ações, 2) para além do nexo causal, 3) conhecimento técnico-jurídico, jogos políticos dos inquéritos (Foucault), 4) TAC – Termo de Ajustamento de Condutas; 5) Implementar a Avaliação dos Impactos à Saúde (AIS); 6) O Rio é Doce: A SAMARCO/VALE/BHP amargas; 7) Pesquisa: Down – UP – DOWN; 8) Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde dombrasil 9) aprender com o vigor dos movimentos sociais, sindicatos, etc, 10) aumentar a resiliencia do território e do SUS: aprender, monitorar, antecipar e reponder aos impactos dos grandes empreendimentos.

Pesquisa DOWN – UP – DOWN – Quando a pesquisa vem dos atores atingidos, como procedemos? Respondemos bem quando as pesquisas vem de cima! Frisou.

*“Vivemos uma guerra de mapas. Precisamos construir os nossos mapas de resistência. A Vale propõe uma premiação para sustentabilidade e o INEA deixa o licenciamento ambiental mais fácil e ágil.”*

Finalizou dizendo que as corporações defendem seus negócios e cortam as vozes das pessoas.

**Vaguinho do OTSS/FCT** - Declara o orgulho de ser agricultor no quilombo e da importância da família indo junto para a roça e do impacto de um governo golpista ilegítimo sobre a escalada de violência contra as lideranças comunitárias. Ressalta a importância da votação da lei 4.886.

A Bocaina está presa entre as duas maiores metrópoles do Brasil, em uma área com profundas disparidades sociais e conflitos pelo uso da terra. Grandes empreendimentos como TEBIG, empreendimentos imobiliários e turismo predatório (Flip entre outras são discriminatórias, pois os locais não podem participar) acirram essa situação. Como consequência, a violência em Paraty está aumentando. Outro fator de pressão é a falta de perspectiva da juventude. A falta de saneamento básico está matando crianças por doenças de veiculação hídrica. Fundamental a estratégia de organizar e ampliar a articulação entre os diversos movimentos sociais para consolidar uma resistência contra as perdas sociais.

As diversas falas da mesa abordam também a realidade do nosso território, principalmente com relação a questão da revogação dos direitos quilombolas. Eu atuo com agroflorestas desde os 3/4 anos, quando eu ia para a roça.

*“Estamos em um cenário brasileiro de perda de direitos e de retrocesso, e no debate do campo e da cidade, sabemos da violência nas cidades. A violência no campo é tão grande quanto, so que silenciosa, não apresentada na mídia. Diversas lideranças são assassinadas e essas informações não são apresentadas”.*

Hoje atua no OTSS, no território da Bocaina, em Paraty em seu território de origem em projeto de parceria do FCT com a Fiocruz, em território com diversas reservas e áreas de proteção ambiental. A Bocaina está presa entre as duas maiores metrópoles do Brasil, em uma área com profundas disparidades sociais e conflitos pelo uso da terra. Num contexto de grandes empreendimentos, da usina nuclear, do estaleiro, Terminal da Bahia de Ilha Grande – TBIG, Empreendimentos I empreendimentos mobiliários e turismo predatório (Flip entre outras são discriminatórias, pois os locais não podem participar – esse ano foi diferente: houve uma participação dos locais) acirram essa situação. Em Paraty um município com 40.000 habitantes, onde você podia dormir na rua décadas atrás sem problemas, mas que hoje se torna uma cidade violenta. Outro fator de pressão é a falta de perspectiva da juventude.

Em Paraty que é um território rico mas de extrema desigualdade onde as comunidades tradicionais são invisibilizadas e falta de saneamento básico está matando crianças por doenças de veiculação hídrica. A estratégia de organizar e ampliar a articulação entre os diversos movimentos sociais para consolidar uma resistência contra as perdas sociais é fundamental.

Nosso projeto não se permite ficar na lamentação, mas busca ações pró-ativas de defesa do território. Esse ano o segundo encontro de justiça sócio-ambiental, conectando todos os parceiros, MPF, FUNAI, Universidades, Comunidades foi realizado e foi feita a costura entre as pessoas e também, unificando as lutas dos caiçaras, indígenas e quilombolas. No encontro os setores públicos também foram chamados. Foi determinado nesse encontro que a Eletronuclear replique projeto de saneamento ecológico aplicado na praia do Sono pelo OTSS para as comunidades indígenas. Não é um favor recebido, mas um direito.

Quando falamos de grandes empreendimentos nessa região, temos que falar do Pré-sal, do grande ator entrando no

território. Conseguimos nessas etapas 1 e 2 do Pré-Sal, conseguimos por direitos, que são condicionantes, que a Petrobrás faça a caracterização das comunidades tradicionais no território, com aplicação de projeto de educação ambiental. Hoje percebemos a importância de monitorar não só o programa, mas o processo todo de implementação. Precisamos encarar essas situações de frente.

Com relação a agroecologia, será realizado o 4º encontro estadual de agroecologia no território no final de outubro. Lá também atuamos com turismo de base comunitária e educação diferenciada e saneamento ecológico.

Para implementação de saneamento ecológico na Praia do Sono, há que se passar pelo condomínio que concentra o maior PIB nacional, que é o condomínio das Laranjeiras. *“É com essa realidade que lidamos em nosso dia a dia. Para falar da questão ambiental, é importante contextualizar a revisão dos planos de manejo de uso das áreas, pois Angra, Paraty e Ubatuba estão sofrendo com as medidas de parcelamento do solo e as comunidades não estão sendo respeitadas. Todos os planos de garantia de direitos nós temos que ir para a mesa de discussão.”*

*“Trazemos a importância de estarmos no território preservando o mesmo, e não contaminando. Temos que evitar a influência das famílias ricas inclusive na educação local”.*

A presença da Fiocruz no território foi, e é, fundamental para o fortalecimento do Fórum de Comunidades Tradicionais, apoiando as ações de diversas formas.

A conta não é das comunidades tradicionais e não deve ser paga pelas mesmas. Ela é da sociedade e do modelo hegemônico que privatiza a orla e os recursos naturais. Mas não fazemos só contestação, fazemos propostas proativas para demonstrar modelos de resistência alternativos que possam fomentar políticas públicas. Se não lutamos por nossos direitos somos excluídos nas periferias das cidades e os recursos naturais privatizados e utilizados com a mesma lógica de extração e apropriação.

Hoje, a Família Marinho compra grande parte das terras e territórios da região e essas intenções não ficam claros. Ou seja, os grandes grupos que comandam no Brasil estão em nosso território querendo controlar a água que bebemos e o território que vivemos.

Reforçou com relação ao decreto 4887, solicitando o apoio de todos e também na divulgação da campanha.

**Isolete - Comissão Pastoral da Terra** - Ressalta que a CPT já vem dialogando com a Fiocruz há algum tempo.

As comunidades se contrapõem contra a forma de organizar o capital, que traz o conceito do mono, enquanto que as comunidades pregam a pluralidade. Isso acontece, inclusive na cidade.

A partir da década de 70, o serrado sofre com a agricultura “moderna”, transformando a agricultura em negócio, transformando o agricultor em produtor.

O ser humano é empurrado do território para a cidade, quebrando o conceito de diversidade, obrigando-o a adotar a homogeneidade. Tirar a cultura das raízes profundas do serrado, que acumulam água para inserir a soja não é somente uma metáfora. *“Estamos perdendo cultura e água.”*

O grande desafio nos conflitos é o mono x diversidade. Esse conflito vem acompanhado de muita violência. Em 2016 foram 60 até agora (2017) foram 51 mortes de lideranças. As pessoas usam todos os sentidos e nós usamos apenas os dados para discutir as doenças. Ao invés de discutirmos doenças, temos que discutir a vida.

Falando da questão do controle, há que se abordar as grandes corporações e o estado com co-participação neste processo. A ausência do estado não existe, pois o estado está mais presente do que nunca, com pequenos programas que beneficiam as comunidades mas com ações que promovem a manutenção do modelo hegemônico de produção e consumo.

As grades tecnologias tem sido postas como uma das formas de solucionar os conflitos, mas isso só beneficia o capital. As comunidades querem estar no território, pois vem os bens naturais e não recursos naturais. É importante falarmos das comunidades auto-gerirem os seus territórios, tomar o poder sobre aquilo que lhe é de direito, o seu espaço e ambiente de vida. As comunidades hoje discutem auto-gestão em seus territórios. Se pegarmos hoje a TEIA, que tem no Maranhão e no sul da Bahia, qual é o projeto da teia da Bahia? Fortalecer enquanto organizações e se uma está sofrendo, vamos ajudar para que todas possam sobreviver. E o foco é a agroecologia na qual as próprias comunidades se apóiam e se ensinam os sistemas e mecanismos. Juntos estão reconstruindo um território que foi devastado. Então se o governo entra lá, deve se adequar ao território e sua cultura. Os Munduruku dialogam se a pessoa falar a língua deles.

Outro papel importante a ser discutido é a mulher nas comunidades. Hoje as marisqueiras já não podem coletar mariscos sozinhas pois elas estão sendo violentadas em virtude dos grandes empreendimentos e da chegada de novas pessoas no território. Poucas ações ainda olham para isso. Hoje se fala que a gente só consegue construir agroecologia com as mulheres. Os homens não querem saber disso e eles vão se chegando a partir do acompanhamento da ação das mulheres.

Vivemos na década de 70 o renascimento de vários movimentos sociais com uma luta muito intensa. Tivemos um período em que o estado despolarizou esse processo. Vivemos agora um fortalecimento novamente desse processo. Hoje conseguimos dar visibilidade a sujeitos que antes ninguém sabia que existia. Temos no cerrado 80 etnias indígenas. Temos uma multiplicidade de comunidades tradicionais em nosso território nacional. Essa riqueza está intrinsecamente ligada aos ambientes que as circundam. No cerrado é onde a ampliação do capital esta acontecendo, por não ser valorizado como a Amazonia. Hoje o cerrado representa 5% da biodiversidade mundial. Se não conservamos nossos recursos e nossos espaços, o Brasil que é um país rico se tornará um país pobre.

Projeto teia da Bahia – a dor da minha comunidade é a dor de todas as comunidades locais. A agroecologia é uma ferramenta que está unindo e mobilizando as comunidades. Há um projeto de recuperação de matas que irá replantar 1 milhão de árvores. O Estado não entra verticalizado. Os Mundurucu não aceitam o Estado com suas tecnologias capitalistas. Quem entrar no território tem que falar Mundurucu ou ter um tradutor local.

O bioma faz parte da identidade da população tradicional. No Serrado, por que não há tanto apelo, há uma maior pressão do capital, desmatando as “árvores tortas” (sem valor) para a expansão agrícola, substituindo a pluralidade pelo mono.

A gente precisa pensar o Brasil como um resultado dessa diversidade. Devemos pensar uma nova discussão de bem viver.

Algumas frases de impacto citadas pela Isolete:

- *“Devemos escutar a natureza e não apenas quantificar os dados. Os locais sabem os nomes dos rios que secaram e sofrem as consequências e não apenas leem os números.”*
- *“O Serrado não tem mais o mesmo cheiro. Não há mais cheiro de pequi, mas de eucalipto e de agrotóxico, que está expulsando as comunidades e causando câncer. O câncer nem é mencionado, pois “cheira” a morte. Morte provocada pelo agrotóxico e a ideia da monocultura para exportação.”*

- *“O Estado é coparticipante nos processos em favor do capital. Não é a ausência do estado, mas os incentivos que ele dá para o agronegócio, com reintegração de posse, subsídios para os agrotóxicos. É fundamental assumir a autogestão de seus territórios e não deixá-lo nas mãos do capital.”*
- *“Os grandes empreendimentos trazem a violência contra as mulheres (sexual inclusive) e pouca gente está falando disso.”*

## TARDE

14:00 – 17:00 *Debate em plenária: Debate para proposição de teses de saúde, ambiente e Sustentabilidade no VIII Congresso Interno da Fiocruz - perspectivas de futuro – Atividade 7* (acesse [aqui](#) o vídeo e [aqui](#) as apresentações)

Coordenadores – Marco Menezes, Guilherme Franco Netto, Edmundo Gallo e Maria do Socorro Souza.

---

**Relatoria**<sup>10</sup> (acesse [aqui](#) o relato original)

### Considerações da Plenária

O debate em plenária para proposição de teses de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade no VIII Congresso Interno da Fiocruz – perspectivas de futuro, objetivou refletir sobre os elementos mais relevantes nesta área para o aporte de novas propostas de teses para o próximo Congresso, além de potencializar esse campo de abordagem que já vem historicamente discutindo temas de tamanha relevância, e um mapa estratégico da Fiocruz.

Foi enfatizado pela mesa que nos dois últimos dias do IV Seminário Nacional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade, os trabalhos em grupos têm como proposta finalizar os Termos de Referências (documentos institucionais) resultados do trabalho pós VII Congresso Interno da Fiocruz nas temáticas: saúde e biodiversidade; saúde e clima; saúde e saneamento; saúde do trabalhador; avaliação de impacto à saúde de grandes empreendimentos; saúde e agrotóxicos; e desafios da política nacional de saúde integral das populações de campo, florestas e águas.

A mesa foi aberta pelo Dr. Guilherme Franco Netto, Dr. Edmundo Gallo e Dra. Maria do Socorro de Souza. Destaca-se a necessidade do Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde participar em caráter de urgência das discussões relacionadas à crise na atenção básica e ameaça de fechamento de diversas unidades de saúde no Rio de Janeiro nesta data, se ausentando por um período de tempo do debate.

Posteriormente, foram registradas todas as falas e propostas da plenária a saber:

- Marta – Saúde do Trabalhador – Sugere pensar teses relacionadas à exposição ao ruído, pensando os impactos ambientais relacionados à poluição sonora, não citada anteriormente;
- Gerson Rosemberg – Cogeplan – Propõem Pensar a Política de Sustentabilidade da Fiocruz com foco em propostas de energia alternativa, seu uso nas construções existentes e novas construções;
- Fernanda – Fiocruz Mato Grosso do Sul – Pontua a importância de não apenas se denunciar o agronegócio, mas se anunciar os destaques positivos na Agroecologia, articulando com os debates realizados anteriormente no Seminário sobre a pesquisa militante faz-se necessário refletir: “por que, para que e para quem está sendo realizada a pesquisa?”. Além disso, é preciso pensar sobre a variedade e qualidade alimentar. Merecendo destaque para a produção agroecológica e o feminino (protagonismo das mulheres);

---

<sup>10</sup> Adaptada de Aline Bittencourt e Renata Collazos

- Márcilio –ILMD – destaca a importância de provocar para que se tenha um olhar diferenciado para o que ocorre nas Unidades de Conservação da Natureza, pensando as dívidas do serviço público de saúde para com essas populações pertencentes a essas unidades;
- Fátima Rangel – CST – propõem tese relacionada à Saúde do Trabalhador. Olhar para os processos produtivos e a variedades de vínculos existentes na instituição. Repensar os processos na pesquisa e assistência, a exemplo dos bolsistas, que têm um vínculo frágil e a saúde desprotegida. Restauração do Fiocruz Saudável. Estabelecer um plano diretor para tornar a instituição mais saudável: pensando nos resíduos, energia, alimento limpo, avançando em ofertas mais saudáveis. O trabalho digno é um dos ODS.

Estudar os impactos da Reforma Trabalhista na vida das pessoas. Registra-se o aumento do número de aposentadorias e os quadros graves de adoecimento relacionados a essa problemática. A proposta são encontros temáticos no Fiocruz Saudável para discussão desse e outros temas. Outro tema em evidência é a violência no território de Manguinhos e a afetação na saúde dos trabalhadores, compreendendo a instituição como parte integrante desse território;

- Patrícia Ribeiro – ENSP – Reforça a proposta de encontros temáticos\_e interlocução com outros setores para trazerem e discussões para o debate. Ex: EMPRAPA;
- Simone Cohen – ENSP – Enfatiza a necessidade de construção de um plano diretor que repense a Sustentabilidade na Fiocruz. É importante pensar as construções no campus e a perda de áreas verdes. É preciso refletir sobre a edificação inteligente e sustentável. Reforça a colocação anterior dos prédios mal projetados, o gasto dispendioso de energia, a falta de reuso da água, a não captação de água das chuvas, propondo a utilização de esgoto para adubo e etc. Destaca-se a economia verde: proposta de diminuição da temperatura do ambiente com ventilação adequada. Além disso, é imprescindível melhorar a acessibilidade dos prédios; É preciso refletir sobre o estabelecimento de um grupo de trabalho/temático para debater o ODS 11, pensando a cidade como um sistema, o enfrentamento da violência, etc. Pontua necessidade de resgatar o edital *Cidades Saudáveis* correlacionando com o ODS 11.
- Gabriel Shutz – UFRJ – Destaca que a proposta é produzir análises críticas ao desenvolvimentismo e acompanhamento de denúncias dos problemas relacionados aos grandes projetos em desenvolvimento (grandes empreendimentos e seus problemas). Uma das vertentes seria pensar nos processos de assédio que as instituições públicas sofrem por parte das corporações, incluindo o agronegócio. Pensar no papel de resistência exercido pela Fiocruz e empoderamento das comunidades. Cita a Vigilância Popular em Saúde de Maranhão e a Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Ex: Em virtude de instalação de polo siderúrgico, o monitoramento da qualidade do ar vem sendo realizado pelas populações. Pensar em estratégias de enfrentamento de situações como o caso da TKCSA – INEA não avaliou os impactos na saúde da população.
- André Monteiro – IAM – Cita a caravana Agroecológica Bahia. A questão norteadora seria: “*o que favorece versus o que nega a vida nos territórios?*”. Fala da experiência de construção de portal acervos ([www.cpqam.fiocruz.br/beirasdagua](http://www.cpqam.fiocruz.br/beirasdagua)) na sua unidade que irá discutir temas relacionados aos sujeitos no território, tais como a transposição das águas do Rio São Francisco, Biodiversidade e ecossistemas ricos, dentre outros. Uma das discussões trazidas é que a mesa sobre Saneamento não debateu o tema a Privatização do Saneamento.

Como propostas para teses do VIII Congresso Interno sugere: (i) Saneamento e Políticas Urbanas, Política de Habitação e seus contrassensos (Ex: Minha casa, minha vida) e (ii) Controle de vetores: políticas desastrosas. Necessidade de rever as políticas existentes; novos vetores e doenças: controle químico dependente e centrado no mosquito não é eficaz. O Modelo de saneamento exclui populações menos favorecidas; (iii) Água: perspectiva transversal nos processos e a conexão campo/urbano; (iv) Grandes empreendimentos e aumento da violência. Ex: Porto de Altamira e Porto de Suape: tráfico de drogas relacionado, questões de gênero, prostituição, exploração sexual de crianças e adolescentes.



- Muriel – ILM D – Sinaliza a dificuldade dos pesquisadores de mudarem de tema e de área. A proposta seria a análise coletiva das produções realizadas pela Fiocruz, ou seja, unir esforços para realizar macro análise do que se é verificado localmente. Refletir saneamento considerando políticas urbanas.
- Jaime – ENSP – Destaca que deve-se pensar no efeito do saneamento sobre a saúde estabelecendo esse link, conforme discutido em mesa anterior. EX: PAC Saneamento. Impactos da crise financeira e política sobre o setor Saneamento, pois é projetado na saúde e no saneamento as medidas de restrição orçamentária. Pensar os efeitos da flexibilização da lei dos agrotóxicos. Chama atenção que o monitoramento do ar realizado pelo INEA não estava mais disponível.
- Idê – IAM – Ressalta a importância de se contemplar nas discussões os quatro (4) Ss: Soberania, Sustentabilidade, Saúde e Solidariedade. Pensar na solidariedade na Fiocruz. Pensar numa perspectiva campus mais todas as regionais (ver o todo e não as partes), envolvendo os movimentos sociais. O trabalho deve ser transformador norteado por esses quatro S. Trabalhar o marco da saúde.
- Luciana – Ceará e Asfoc – Reforça a necessidade de se pensar a Saúde do trabalhador não como uma questão de gestão. Focar nos ambientes saudáveis, saúde mental e outros temas. Pontua a comissão de enfrentamento do assédio moral já existente e os trabalhos realizados. Outra questão que precisa ser refletida é o adicional de insalubridade.
- Gilson – Mata Atlântica – Traz a necessidade de rever o marco regulatório de 2009. Discutir a alienação de terras pelo Congresso favorecendo o agronegócio. Faz-se imprescindível a resistência, afirmando a vida.
- Aline Gurgel – IAM – Aborda a necessidade de se estabelecer regulação nas relações entre as instituições públicas e o privado. Muitas vezes há cooperação nas pesquisas e os pesquisadores se utilizam de bolsistas e recursos públicos para serviços privados. Os pesquisadores se tornam consultores e emitem pareceres favoráveis aos interesses econômicos. Ex: Chancelam pareceres favoráveis ao agronegócio. É indispensável pensar as questões éticas: “Qual o papel da nossa instituição e o nosso papel?”
- Marco Menezes – Vice-presidente VPAAPS – Traz ao debate as perdas de direitos sociais, a grave crise da saúde pública e redução do atendimento anunciado pelos gestores do município do Rio de Janeiro que é mais uma violência. “Precisamos estar bem articulados com os movimentos sociais. Trazer referencial teórico para aprofundamento das discussões.” Pontua o papel da instituição com relação à educação e pesquisa e o desdobramento em ações concretas. Reforça a importância das teses para o Congresso Interno, assumindo todas as questões propostas ali em plenária. Informa que para organização do VIII Congresso Interno as seguintes teses já foram elencadas: Saúde do Trabalhador; Sustentabilidade (institucional); e Agroecologia; Sinaliza que será realizado o Fórum alternativo da Água concomitante ao Fórum Mundial da Água no ano de 2018.
- Socorro – Direb – Pontua a necessidade de se olhar de forma sistemática o que foi abordado nos dias iniciais do Seminário, aprofundando o diálogo interno, dialogando com os vários atores e acertando os caminhos. “É preciso analisar a realidade, analisar o Brasil como sujeitos políticos. Pensar o cenário externo internacional e o cenário interno. A missão da Fiocruz é pensar o projeto de desenvolvimento para o país”. Cita Arouca, ao envolver as classes populares para pensar o projeto da Reforma Sanitária. “Dialogar mais com os movimentos sociais. Atualmente, a política de seguridade social e o SUS estão ameaçados e não se consegue mobilizar as classes/população brasileira”. Afirma que a questão étnica não é compreendida no país. A questão agrária precisa ser rediscutida. Pensar a questão social olhando os sujeitos mais excluídos, e as mulheres e a juventude que têm um papel fundamental na resistência.

Necessidade de estimular o diálogo institucional no Congresso Interno. Pensar que a Fiocruz não é compreendida por vários setores da sociedade e é uma instituição que ajuda a pensar o país. Pensar a Fiocruz num ambiente/cenário democrático versus não democrático. A Fiocruz avalia e formula políticas públicas, sendo preciso sentar com atores concretos do governo. *“A Fiocruz faz a diferença! Não dá para fazer a discussão do Congresso Interno sem pensar que democracia que queremos”*. Um recorte da cidadania pode ser visto na mesa com a representação dos movimentos sociais. Pensar a inserção da Fiocruz nos territórios. A Agenda 2030 é um desafio para o Planejamento e Unidades. Lembrando o que foi dito por Gadelha é uma *“agenda de disputa”*. O Brasil faz diferença nos espaços institucionais. Ex: Ao discutir o conceito de cobertura universal. O Brasil sozinho não sai da crise, precisa estabelecer alianças externas.

- Edmundo Gallo –Bocaina– Destacou que primeiramente deve-se pensar a dupla direção que os temas demandam para organizar. Há que se considerar ambiente, saúde e sustentabilidade no Congresso. Talvez esse seja o Congresso mais importante visto o contexto, incluindo a Agenda 2030. Questões epistemológicas com desafios nos discursos daciência, da política, do senso comum. Ciência com engajamento crítico. Como se produz conhecimento? Envolvimento popular. Destaca que a Fiocruz desde o início tem vínculo com as ações e com os projetos de desenvolvimento social. Que modelo de desenvolvimento assumimos? Mais uma vez traz a importância do denunciar versus anunciar. É preciso propor soluções. Como discutir nessa perspectiva territorializada e com diferentes atores? Ir para o Congresso Interno com propostas de transformação.

- Guilherme Netto – VPAAPS – reafirma que essa discussão é relevante para o debate. Não ter a falsa noção de fazer a reforma para a saúde sem a democracia. Construir outro pacto: 1º O que está sendo colocado neste período para discussão, essas discussões serem efetivadas; 2º Relevância do Congresso Interno para construção de alternativas.

Cita a atual conjuntura da atenção básica e o desmonte do SUS. A atuação no Abrascão 2018. Ressalta que os temas citados são pertinentes, e há necessidade de buscar inovações, de trabalhar na perspectiva de gerar conhecimentos que se tornem práticas.

- Ary Miranda– ENSP– Afirma que duas questões são importantes: (i) as discussões estão sempre pautadas no passivo. EX: TKCSA e Samarco. Lógica de inserção da economia brasileira. Petróleo e pré-sal demonstram a tragédia econômica do Rio. Destaca que o processo eleitoral da Fiocruz gerou entraves institucionais, fraturou, dividiu a Fiocruz e deve-se continuar falando sobre isso. E (ii) Construção de um Sistema de Saúde que se acredita nele. A crise de hoje é pior que a de 1929. Enfrentar na formulação de teses as questões políticas. Posição do Ministério de enfraquecer e estrangular a Fiocruz. Ex: Comprar de medicamentos na iniciativa privada. Sem nos dar direito de falar sobre políticas públicas. Que modelo queremos para o país? Qual garantia nosso país tem de direitos sociais? Pontuou que o SUS foi construído não apenas pelo brilhantismo dos sanitaristas e sim pelas lutas sindicais. *“Era outra sociedade civil. Que movimento social é esse? Onde está o trabalhador? Falta de organicidade. O SUS só foi construído pelo vigor da sociedade civil. A derrota começa em 90 com o neoliberalismo. É preciso construir uma unidade”*.

- Jorge Machado – ENSP – Fez reflexão sobre o real e observar a construção do SUS que foi setorizado. Sanitaristas passaram a gerir e internalizaram o sistema. É preciso sair do campo interno e estabelecer o diálogo intersetorial. No caso da Samarco ainda há mais de 70 barragens em estado crítico. Pensar na geração de empregos com a agricultura familiar. *“O que se está gastando com a vigilância e promoção da saúde? O que se está gastando com a saúde do boi e com a saúde das pessoas? Pensar na proposta de prioridade. Não é possível abarcar tudo”*.

- Fernando Carneiro– Fiocruz Ceará. Sinaliza que o Estado está visando a fábrica de vacina. As discussões sobre questões ecológicas e uso de agrotóxicos são mal vistas porque a população quer empregos. Entraves gerados.

- Marcio - Ilha de Paquetá – Fala da realização do Seminário sobre a despoluição da Bahia de Guanabara e da comissão para monitorar as ações. Há pouca participação social e falta de paridade nas comissões. Docas e a Marinha dominam o espelho d'água.
- Leo Heller – CPqRR – Deve-se considerar cenários otimistas na gestão da Nísia. Congresso Interno deve lidar com essa dimensão nas discussões. Trabalhar ideias de documentos que podem gerar teses atuais e perspectivas a longo prazo.
- Ângela – Especialização ENSP –Fala da preocupação com o esgoto não tratado. Cita o Canal do Cunha no entorno e seu incomodo ao se deparar com a situação. *“O que a Fiocruz pode fazer para transformar o território? É um desafio”.*
- Marcia Chame – ENSP – Diz que a Fiocruz tem uma história que fortalece a todos. Sobre os ODS deve-se pensar numa agenda proativa. A produção e os pesquisadores dos laboratórios não estão nessa discussão e é fundamental. É preciso investir em Biotecnologia. Ex: A indústria brasileira não faz conta gota, ponteira de pipeta. Importante investir em inovação. Sinaliza que não há condições de fazer saneamento com água e sim saneamento seco. *“Como realizar? Como educar a população? Como enfrentar a febre amarela?”*
- Patricia Canto – VPAAPS – Destaca que a questão do amianto até o momento não foi tratada no Seminário. Sugere que seja uma das teses do Congresso. Os países europeus já baniram e é preciso banir no Brasil. Cita o tratamento realizado no ambulatório do CESTEHA há mais de 20 anos e a ABREA (Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto), enfocando a participação dos movimentos sociais.
- Hermano Castro – ENSP – Reforça o panorama de crise na saúde hoje e o desmonte do SUS.

### Observações

Os temas mais recorrentes e propostos para desenvolvimento de teses no VIII Congresso Interno são:

- ✓ Saúde do Trabalhador;
- ✓ Sustentabilidade (institucional);
- ✓ Agroecologia;
- ✓ Perda dos direitos sociais;
- ✓ Poluição sonora;
- ✓ Violência no território;
- ✓ Saneamento e Políticas Urbanas;
- ✓ Política de Habitação e seus contrassensos;
- ✓ Controle de vetores: políticas desastrosas;
- ✓ Água: perspectiva transversal nos processos e a conexão campo/urbano;
- ✓ Grandes empreendimentos;
- ✓ Amianto.

**BLOCO 2 - Preparando os Documentos Institucionais de referência na área de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da Fiocruz - Atividade 7**

2 de Agosto 2017

**Hotel - Novo Mundo**

(Acesse [aqui](#) os documentos institucionais - em fase de elaboração pelos Coordenadores)

**MANHÃ**

9:30 – 12:30 - **Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**  
Trabalho de grupo

**TARDE**

14:00 – 17:00 - **Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**  
Trabalho de grupo

3 de Agosto 2017

**Hotel – NovoMundo**

**MANHÃ**

8:30 – 12:30 – **Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**  
Trabalho de grupo

**TARDE**

14:00 – 17:00 – **Documentos Temáticos do Programa Institucional de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**  
Plenária  
Coordenador - *Guilherme Franco Netto*

**Encerramento**

*Marco Antônio Menezes – Vice-presidente – VPAAPS.*

## VI. FACILITAÇÃO GRÁFICA<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Coordenado por Muriel Duarte - <http://www.murielduarte.com/>

# AGROTÓXICOS & SAÚDE

IV Seminário de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade



02/08 R7

**ENCAMINHAMENTOS**

- Elaboração de projeto científico de FioCruz
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados
- Realização de reuniões de discussão de resultados

**SAÚDE AMBIENTAL**

**PROBLEMA**

**PROBLEMA**

**PROBLEMA**

**LEI 11.105/05**

COMPRIME NO PACOTE AGRIBIOTECNOLÓGICO



**VIGILÂNCIA POPULAR**

**ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

**TRANSGÊNICOS TAMBÉM SÃO VELENOSOS**

**PRODUÇÃO DE DADOS**

Estudos clínicos

Manejo apropriado nos vários usos

Análise crítica da política nacional

**Saneamento Básico**

**Política de Uso de Veneno**

**FORTALECIMENTO LABORATORIAL DA FIOCRUZ**

**AGROECOLOGIA, SEGURANÇA ALIMENTAR & NUTRICIONAL**

**CONTAMINAÇÃO DE ALIMENTOS**

**ENVIAMENTO DAS PESSOAS SOB O ARGUMENTO DE QUE NÃO HÁ Certeza...**

**INCLUIR DISCUSSÃO SOBRE TRANSGÊNICOS DE FORMA AMPLA**

**CIÊNCIA MULTIDISCIPLINAR**

NÃO HA RESISTÊNCIA NA CIÊNCIA

**CIÊNCIA CONTEXTUALIZADA**

RESISTÊNCIA AO ABRANGIDO EM UM CONTEXTO DE GOLPE

**CIÊNCIA CONTEXTUALIZADA**

RESISTÊNCIA AO ABRANGIDO EM UM CONTEXTO DE GOLPE

**REVISÃO PORTARIA DAS ÁGUAS (PROBABILIDADE DA ÁGUA)**

**INCLUSÃO CAPTULO ÉTICO NO DOCUMENTO**

**MODELO MOSQUITOCÊNTRICO**

**RESISTÊNCIA VETORIAL**

**AGROTÓXICO NO CONTROLE VETORIAL**

**SOB INFLUÊNCIA INDUSTRIAS ATAQUE AS PESQUISAS CONTRA AGROTÓXICOS**

**SAÚDE PÚBLICA:**

CONFLITOS ENTRE FIOCRUZ E MINISTÉRIO DA SAÚDE

**SE A SUBSTÂNCIA CAUSA CANCER**

**EXPOSIÇÃO OCUPACIONAL E AMBIENTAL E ALIMENTAR**

**DOMICILIÁRIOS DEVEM SER CONSIDERADOS AGROTÓXICOS**

**TOXICOLOGIA & EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA:**

REVER PARADIGMAS TOXICOLÓGICOS DE PESQUISA

**RESPONSABILIDADE DA FIOCRUZ NO ASESORAMENTO, ESCLARECIMENTO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE SAÚDE PÚBLICA.**

**TOXICOLOGIA & EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA:**

REVER PARADIGMAS TOXICOLÓGICOS DE PESQUISA

**TOXICOLOGIA & EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA:**

REVER PARADIGMAS TOXICOLÓGICOS DE PESQUISA

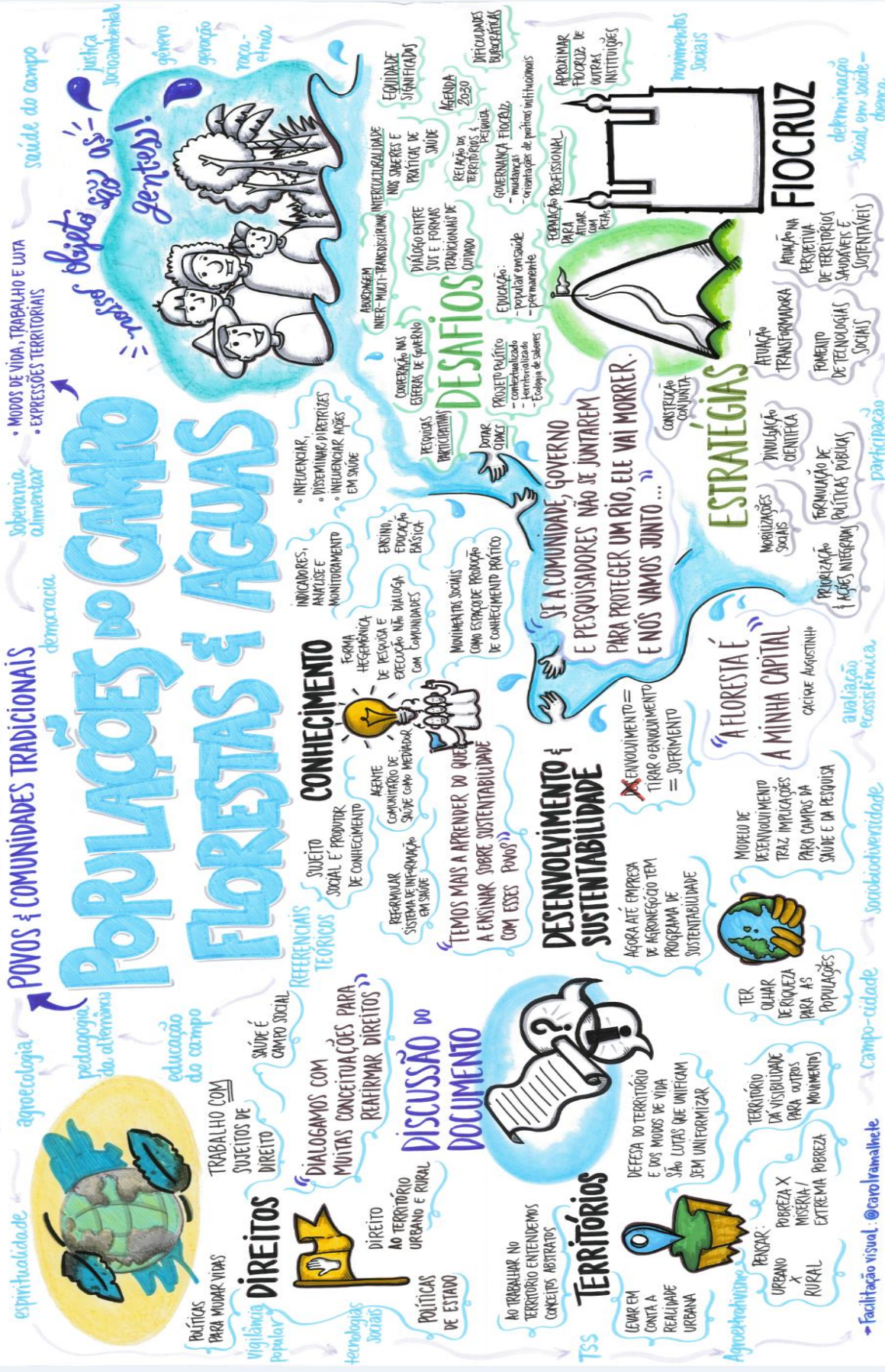
**TOXICOLOGIA & EPIDEMIOLOGIA CRÍTICA:**

REVER PARADIGMAS TOXICOLÓGICOS DE PESQUISA

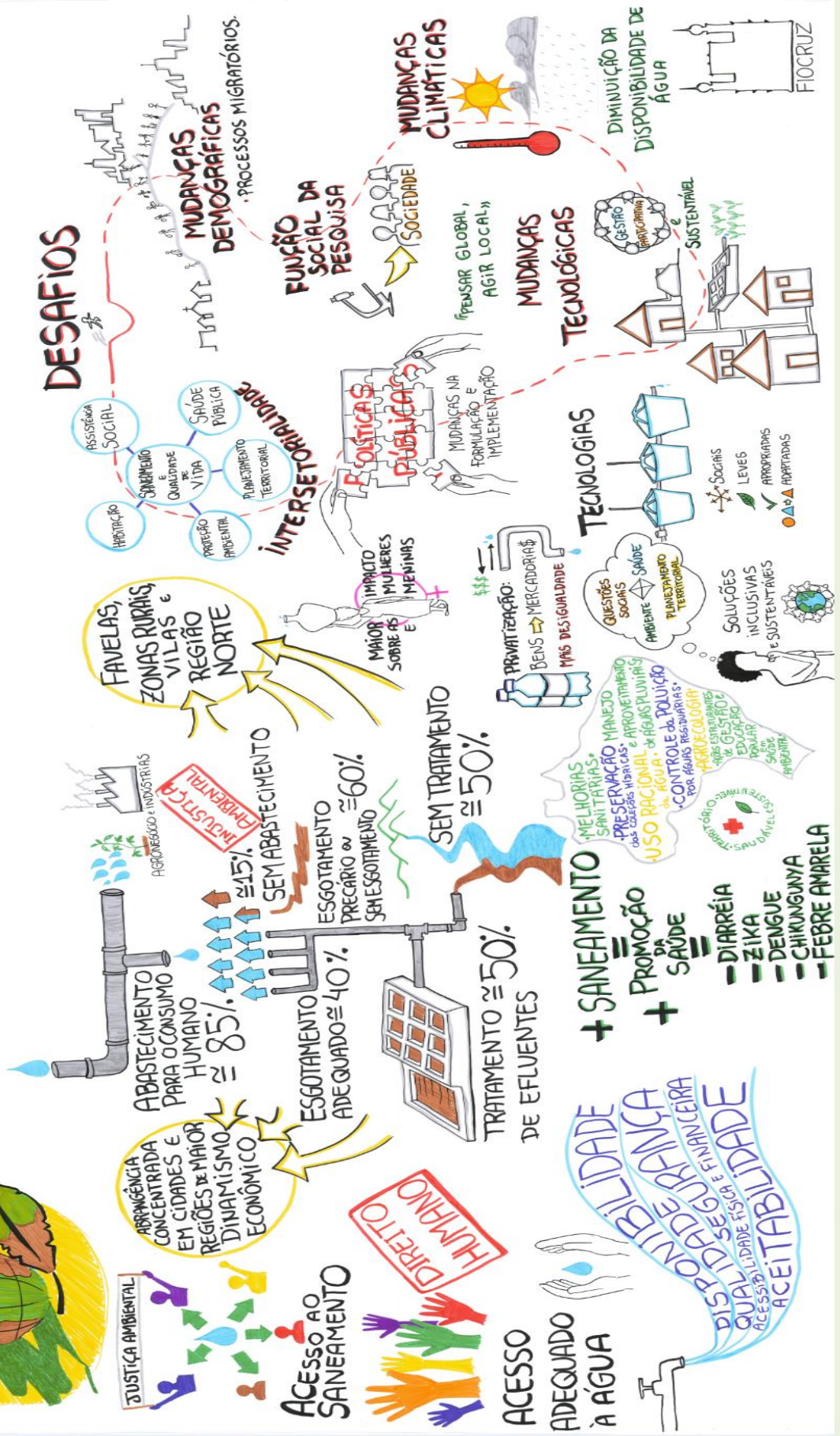
**NÃO HÁ LIMITE SEGURANÇA**

**USO**

**FIOCRUZ**



# SANEAMENTO E SAÚDE





# CLIMA, SAÚDE e CIDADANIA



A mortalidade associada ao aumento de temperatura varia um dos impactos mais preocupantes do setor de saúde. Até o fim de século.

A OMS ESTIMA QUE 30% DOS DANOS À SAÚDE ESTÃO RELACIONADOS A FATORES AMBIENTAIS

## Observatório Clima e saúde

IMPACTO DE ONDAS DE CALOR, INUNDAÇÕES E SECAS  
EXPANSÃO DAS ÁREAS DE TRANSMISSÃO DE DOENÇAS TRANSMITIDAS POR VETORES

A CRISE DA ÁGUA E O AUMENTO DA INCIDÊNCIA DE DOENÇAS DE VEICULAÇÃO HÍDRICA

POTENCIALIZAÇÃO DO EFEITO DA POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA SOBRE AS DOENÇAS RESPIRATORIAS



Produção de levantamentos  
→ vetores, contêineres ambientais  
e transferência em dados públicos



AS QUEIMADAS NA AMAZÔNIA REPRESENTAM CERCA DE 60% DO MATERIAL PARTICULADO EMITIDO PARA A ATMOSFERA NO BRASIL



## Competências, Objetivos e Prepostas

Integrar ações de instituições públicas e privadas, gestores de saúde e sociedade civil

Acompanhamento dos acordos internacionais

Incentivo à pesquisa científica visando a avaliação e incorporação do custo efetividade do setor de saúde do custo benefício social e medidas de adaptação e mitigação do clima

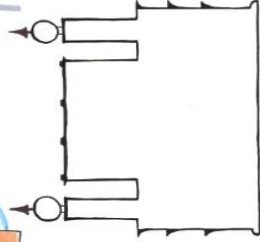
Fortalecer ações de prevenção e promoção da saúde no SUS

Papel pedagógico do setor de saúde

Cursos de formação para agentes de saúde e pesquisadores

## OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Reforçar a resiliência e a capacidade de adaptação a riscos relacionados ao clima e os catástrofes naturais em todos os países





# BIODIVERSIDADE E SAÚDE

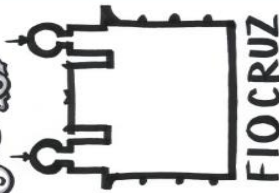
INICIATIVA FIOCRUZ  
RICHY ODS

MUDANÇAS AMBIENTAIS GLOBAIS

ADAPTAÇÃO: NOVAS DOENÇAS  
ALTERAÇÃO NA DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES  
PERDA DOS SERVIÇOS AMBIENTAIS



nivelamento de conhecimento, objetivos e visão em grupos multi-profissionais



ORGANISMOS GENETICAMENTE MODIFICADOS E BIOLOGIA SINTÉTICA

PERDA DA BIODIVERSIDADE E DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES

- perda da variabilidade genética
- simplicização de ecossistemas
- perda da cultura tradicional
- grandes empreendimentos
- anormalidades climáticas

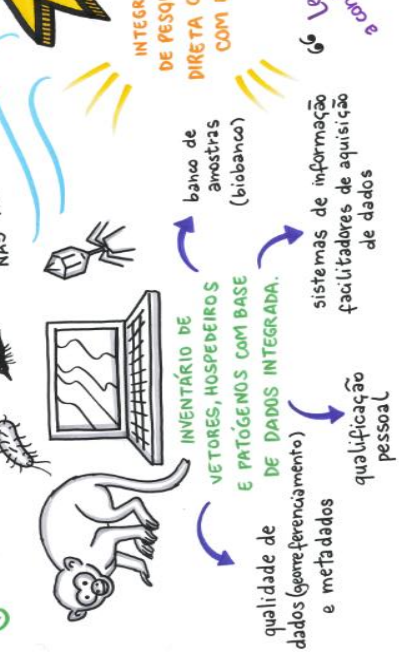
## .D.E.S.A.F.I.O.S.

estabelecimento de vínculo "nova saúde"

INTEGRAÇÃO DO CCZ E INCORPORAÇÃO DA ESF. NAS PRÁTICAS DA ESF.

PROCESSO EVOLUTIVO DE AGENTES INFECCIOSOS, VETORES E HOSPEDEIROS

integrar as políticas de conservação com as de sustentabilidade e saúde



INTEGRAÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA QUE TRABALHAM DIRETA OU INDIRETAMENTE COM BIODIVERSIDADE

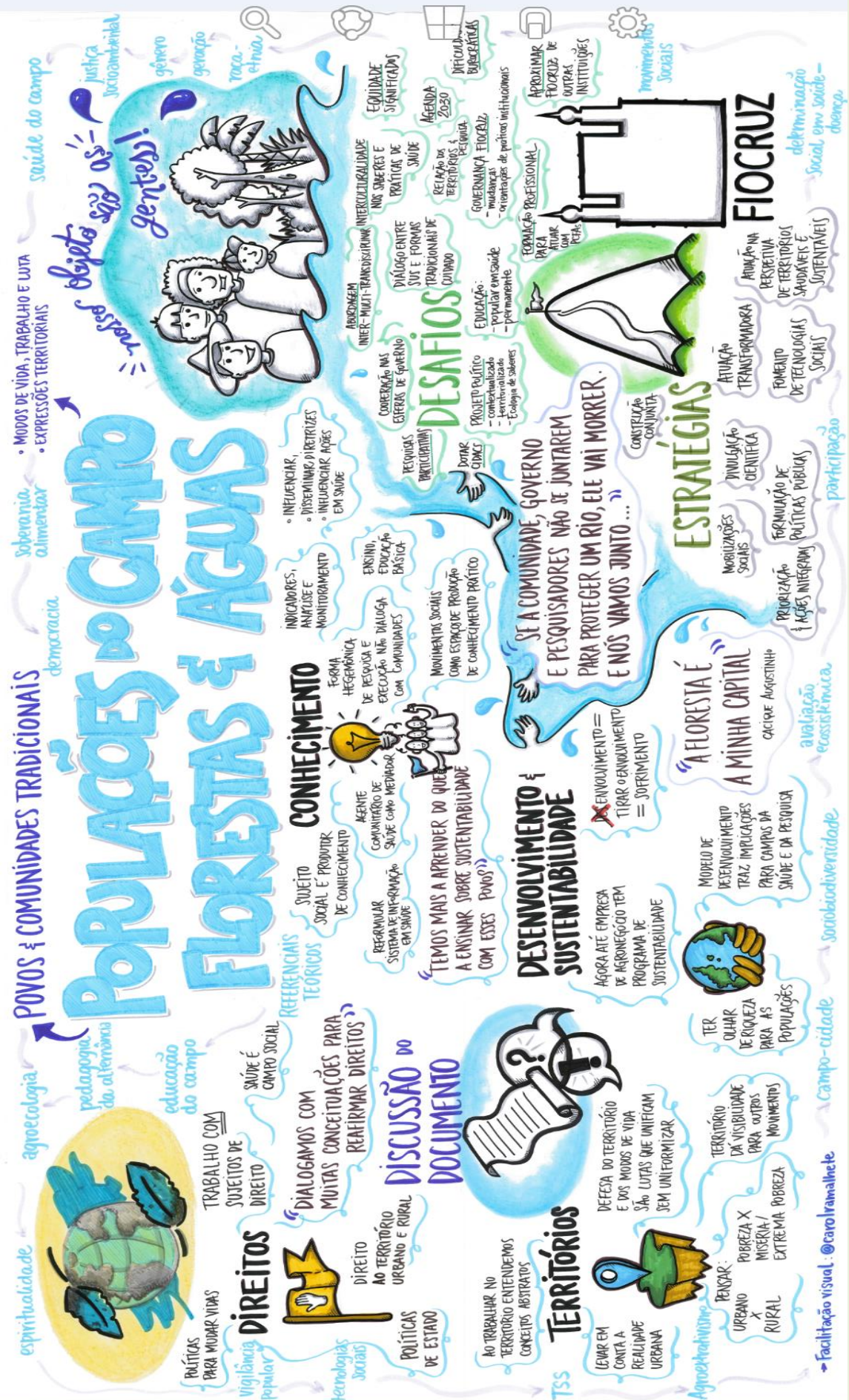
POLÍTICA DE CAPTAÇÃO E RETENÇÃO DE TALENTOS

DISCUTIR A POLÍTICA DE PUBLICAÇÃO NACIONAL

Levar o tema biodiversidade para a conferência nacional de vigilância em saúde

“estruturalção de programa de zoonoses”

FORTALECIMENTO DA COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DA FIOCRUZ COM A INTEGRAÇÃO DE ESPECIALISTAS COM CAPACIDADE DE ANÁLISE E RESPOSTA A EMERGÊNCIA E REEMERGÊNCIA DE DOENÇAS INFECCIOSAS ADVINDAS DE BIODIVERSIDADE.



# SAÚDE E GRANDES EMPREENDIMENTOS

Como podemos contribuir no desenvolvimento da temática?



TV SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE, AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE



## **VII. OUTRAS ATIVIDADES**

- Reunião do GT de Saúde e Ambiente da Abrasco – 02 e 03/09/2017 LOCAL – Hotel

### **Agradecimentos**

- Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca –ENSP
- Coordenação de Comunicação Social da Fiocruz –CCS
- Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT)
- Coral daFiocruz